



*Marcos Jorge Dias
Maria Letícia Marques
(Organizadores)*

**Chico Mendes na COP 30
Projeto Seringueiro**



EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

O Projeto Seringueiro – Educação, Saúde e Cooperativismo para Seringueiros de Xapuri, Acre, foi a primeira iniciativa de educação para seringueiros, idealizada por Chico Mendes, apoiada pelo Sindicato dos Trabalhadores da Amazônia e implementado pelo Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia – CEDOP. Uma das primeiras organizações não governamentais da Amazônia, o CEDOP foi criado pelas pessoas que executaram o projeto, com o objetivo de apoiar o movimento dos seringueiros do Acre. Criado em outubro de 1981, com sede em Rio Branco, tem como objetivos pesquisar, documentar e divulgar a realidade da Amazônia rural, urbana e indígena, e executar projetos de desenvolvimento econômico, social e de educação popular.

PROJETO SERINGUEIRO

Angela Maria Feitosa Mendes
Júlio Barbosa de Aquino
(Apresentação)

Ademir Pereira Rodrigues
Agripino Pereira da Silva

Antônia Pereira Vieira

Cláudia Maria dos Santos Oliveira

Dorival Ribeiro Rodrigues

Irene Pereira da Silva

Gomercindo Rodrigues

Jorge Antonio Alves – Jorge Franco Martins

Lucileide Araujo de Aquino

Manoel Estébio Cavalcante da Cunha

Maria do Socorro D'Ávila de Oliveira

Maria Neucilene Lopes Oliveira

Mary Allegretti - Pedro Teles

Risonete Félix Nogueira

Rosivarque Cavalcante de Freitas

Vanya Regina Rodrigues da Silva

Marcos Jorge Dias

Maria Letícia Marques

(Organização)



Xapuri Editora
Outono 2025



Senado Federal
Mesa
Biênio 2025/2026

Senador Davi Alcolumbre
Presidente

Senador Eduardo Gomes
1º Vice-Presidente

Senador Humberto Costa
2º Vice-Presidente

Senadora Daniella Ribeiro
1ª Secretária

Senador Confúcio Moura
2º Secretário

Senadora Ana Paula Lobato
3ª Secretária

Senador Laércio Oliveira
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Chico Rodrigues
Senador Styvenson Valentim

Senador Mecias de Jesus
Senadora Soraya Thronicke

Conselho Editorial

Senador Randolfe Rodrigues
Presidente

Esther Bemerguy de Albuquerque
Vice-Presidente

Conselheiros

Alexandre de Souza
Santini Rodrigues
Ana Cláudia Farranha
Ana Flavia Magalhães Pinto
Ana Maria Veiga
Alcinéa Cavalcante
Bruno Lunardi Gonçalves
Carlos Ricardo Caichiole

Esmeraldina dos Santos
Heloisa Maria Murgel Starling
Ilana Trombka
João Batista Gomes Filho
Marco Américo Lucchesi
Nathalia Henrich
Rafael André Vaz Chervenski
Victorino Coutinho Chermont
de Miranda

CHICO MENDES NA COP 30

03

PROJETO SERINGUEIRO

Angela Maria Feitosa Mendes
Júlio Barbosa de Aquino
(Apresentação)

Ademir Pereira Rodrigues
Agripino Pereira da Silva

Antônia Pereira Vieira

Cláudia Maria dos Santos Oliveira

Dorival Ribeiro Rodrigues

Irene Pereira da Silva

Gomercindo Rodrigues

Jorge Antonio Alves – Jorge Franco Martins

Lucileide Araujo de Aquino

Manoel Estébio Cavalcante da Cunha

Maria do Socorro D'Ávila de Oliveira

Maria Neucilene Lopes Oliveira

Mary Allegretti - Pedro Teles

Risonete Félix Nogueira

Rosivarque Cavalcante de Freitas

Vanya Regina Rodrigues da Silva

Marcos Jorge Dias

Maria Letícia Marques

(Organização)

PARCERIA



Edições do Senado Federal, vol. 353

Copyright 2025 @ Comitê Chico Mendes

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, em vigor no Brasil desde 2009. Expressões próprias dos povos da floresta e das lutas de resistência foram mantidas na forma em que aparecem nos depoimentos e documentos de referência.

Preparo Editorial - Revista Xapuri: Capa - Leonardo Matoso. **Projeto Gráfico** - Emir Bocchino, Zezé Weiss. **Pesquisa** - Angela Mendes, Arthur Wentz Silva, Eduardo Pereira, Jailanne Maria da Costa de Almeida, Janaina Faustino, Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques. **Organização** - Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques. **Revisão** - Arthur Wentz Silva, Janaina Faustino, Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques. **Edição** - Zezé Weiss. **Diagramação** - Emir Bocchino. **Produção** - Janaina Faustino.

Depoimentos e Textos: Ademir Pereira Rodrigues, Agripino Pereira da Silva, Antônia Pereira Vieira, Cláudia Maria dos Santos Oliveira, Dorival Ribeiro Rodrigues, Irene Pereira da Silva, Gomercindo Rodrigues, Jorge Antonio Alves, Jorge Franco Martins, Leide Aquino, Manoel Estébio Cavalcante da Cunha, Maria do Socorro D'Ávila de Oliveira, Maria Neucilene Lopes Oliveira, Mary Allegretti, Pedro Teles, Risonete Félix Nogueira, Rosivarque Cavalcante de Freitas, Vanya Regina Rodrigues da Silva. **Imagens:** CTA-Acervo Histórico, Marcos Jorge Dias, Mary Allegretti, Miranda Smith, Professor Pingo. **Coordenação:** Comitê Chico Mendes, Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS). **Parcerias:** Fundação Banco do Brasil, Senado Federal.

Projeto seringueiro / Angela Maria Feitosa Mendes, Júlio Barbosa de Aquino (apresentação) ; Ademir Pereira Rodrigues ... [et al.] ; Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques (organização). -- [S. l.] : Xapuri Editora ; Brasília : Senado Federal [impressor], 2025.
110 p. : il. -- (Edições do Senado Federal ; v. 353)
(Chico Mendes na COP 30 ; n. 03)

ISBN: 978-65-5676-672-0

1. Conservação da natureza, Brasil. 2. Ambientalismo. 3. Amazônia, conservação. 4. Mendes, Chico, 1944-1988, homenagem póstuma. I. Rodrigues, Ademir Pereira. II. Dias, Marcos Jorge, org. III. Marques, Maria Letícia, org. IV. Série.

CDD 333.72

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO COP30

A realização da 30^a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), pela primeira vez sediada na Amazônia brasileira — em Belém, no estado do Pará —, representa um marco histórico e uma oportunidade singular para o Brasil reafirmar seu compromisso com a preservação ambiental e com a construção de um futuro sustentável e justo. Em um mundo cada vez mais impactado por eventos extremos como secas prolongadas, inundações, incêndios florestais e o avanço do nível dos oceanos, a conferência desponta como espaço crucial para reverter trajetórias de destruição e reafirmar o compromisso global com a sustentabilidade. Esta cúpula multilateral carrega a responsabilidade de transformar promessas em ações concretas. O que está em jogo não é apenas o futuro das próximas gerações, mas o presente de milhões que já enfrentam os efeitos da degradação ambiental.

É nesse contexto que o Conselho Editorial do Senado Federal lança a Coleção COP30, um conjunto de obras que expressa o esforço do Parlamento em contribuir com o debate climático a partir de múltiplas perspectivas: científica, literária, educativa e política.

Destaco, com especial alegria, que Macapá — a capital do meu amado estado — será subsede desta conferência histórica. Para nós, amapaenses, que vivemos no estado mais preservado do Brasil, trata-se de uma ocasião ímpar para apresentar ao mundo nossas riquezas naturais, nossa cultura vibrante e o valor da

nossa gente. Somos guardiões de parques, de unidades de conservação, de rios que alimentam a terra e o espírito. Somos prova viva de que é possível manter a floresta em pé e, ao mesmo tempo, construir um modelo de desenvolvimento baseado nos frutos da floresta e nas potencialidades do território. Aliás, quem nunca viu o Amazonas não conhece o Brasil em sua inteireza. Ser banhado por esse rio é um privilégio imensurável. A COP30 será também o momento de mostrar nossas urgências. Nossa povo precisa de dignidade, de oportunidades, de justiça social. Preservar a floresta é inadiável; garantir justiça para quem nela vive é igualmente essencial.

A coleção apresenta reflexões sobre a Amazônia em toda a sua complexidade humana, cultural e ambiental. Reúne narrativas que resgatam memórias e vivências das populações tradicionais, análises profundas sobre a realidade socioambiental brasileira e textos voltados à educação e à sensibilização das novas gerações. Essas obras revelam os desafios enfrentados pelo país diante das mudanças climáticas, ao mesmo tempo que apontam caminhos possíveis para uma transição justa, com metas efetivas de redução das emissões de gases de efeito estufa, ampliação do uso de energias renováveis, preservação de ecossistemas e fortalecimento de políticas públicas voltadas à adaptação dos territórios e à proteção das populações mais vulneráveis.

A emergência climática impõe também a mobilização de recursos financeiros para que países em desenvolvimento possam implementar medidas concretas de mitigação e adaptação de forma justa e equitativa.

Como alertou o Papa Francisco, em sua memorável encíclica *Laudato Si'*, “o impacto mais grave das mudanças climáticas recai sobre os mais pobres”. Por isso, qualquer solução ambiental verdadeiramente sustentável deve estar comprometida também com a superação das desigualdades sociais entre pessoas e entre nações.

Nesse sentido, os livros da Coleção COP30 dialogam com as discussões mais atuais sobre financiamento climático e sobre a urgência de mecanismos internacionais mais eficazes e solidários. Ao mesmo tempo, reforçam a centralidade da justiça climática, compreendida como a garantia de que nenhuma comunidade seja deixada para trás, especialmente aquelas que, historicamente, mais contribuíram para a preservação dos ecossistemas: povos indígenas, comunidades ribeirinhas, quilombolas e demais grupos tradicionais.

A COP30 convida o mundo a escutar a floresta e seus guardiões, a considerar o saber ancestral em diálogo com a ciência e a construir pactos justos e eficazes em defesa da vida no planeta. A escolha da Amazônia como sede não é apenas simbólica: representa o reconhecimento da centralidade dos biomas tropicais e da urgência em protegê-los. Afinal, o que acontece na Amazônia repercute em todo o planeta.

Com títulos como *Estudos da Amazônia Contemporânea*, *Cuidando da Nossa Terra, 30 Anos de Floresta*, *Os Balateiros do Maicuru*, *Os Náufragos do Carnapijó*, *O Ouro do Jamanxim e as versões adulta e infantil da Carta da Terra*, a coleção propõe uma visão ampla, plural e engajada do papel do Brasil — e de suas instituições — no enfrentamento da crise climática. In-

clui ainda a *Coletânea Chico Mendes*, com seis volumes dedicados à vida, à luta e ao legado de um dos maiores defensores da floresta e dos povos amazônicos, além da *Coleção Amazonicidades*, que valoriza os saberes locais e a diversidade cultural da região.

Mais que um conjunto de publicações, a Coleção COP30 é uma contribuição concreta do Senado Federal para a construção de uma consciência climática pautada na ciência, na democracia e nos direitos humanos. É a expressão de um compromisso com o futuro — um futuro que precisa ser construído agora, com responsabilidade, coragem e solidariedade.

Senador Randolfe Rodrigues
Presidente do Conselho Editorial do Senado Federal

APRESENTAÇÃO

Em novembro de 2025 o Brasil sediará, na cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, ou simplesmente Belém do Pará, capital do estado amazônico do Pará, a 30^a Conferência Anual das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 30).

Ali, às margens do rio Amazonas, os povos das florestas, dos campos e das águas; as comunidades tradicionais dos seis biomas brasileiros – Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Pampas; e os povos gerais do mundo buscarão, uma vez mais, encontrar caminhos para, como um dia disse Chico Mendes, “salvar a própria vida no planeta Terra.”

Referendado em legislação federal vigente (Lei 12.892/2013), Chico Mendes é, no Brasil, o Patrono Nacional do Meio Ambiente. Portanto, nada mais justo do que destacar, na COP 30, a memória e o legado do maior ambientalista brasileiro de todos os tempos.

Esta coletânea, “Chico Mendes na COP 30”, contribui com este objetivo. São livros simples, organizados a partir de depoimentos e textos escritos por companheiros e companheiras de Chico Mendes, ao longo do tempo. Que sua leitura possa envolver corações e mentes com a paz planetária um dia sonhada por Chico Mendes.

Angela Maria Feitosa Mendes
Presidenta do Comitê Chico Mendes

Júlio Barbosa de Aquino
Presidente do CNS

CRÉDITOS E REFERÊNCIAS

Em sua maioria, o conteúdo deste livro, “Projeto Seringueiro”, faz parte do acervo histórico do Centro de Trabalhadores da Amazônia (CTA). O texto assinado por Mary Allegretti resulta de um artigo publicado pelo jornal Folha do Acre, em 1983. Os textos de Manoel Estébio Carneiro da Cunha foram extraídos da matéria de capa da Revista Xapuri, edição 120/2024 e do livro “Vozes da Floresta”, 1^a edição, 2008. O projeto Mala de Leitura, promovido pelo CTA, teve o acompanhamento e responsabilidade da Professora Maria do Socorro D’Ávila de Oliveira, cujo texto original serviu de base para esta edição. O texto de Gomercindo Rodrigues vem do livro “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, publicado pelas editoras UFAC/Xapuri, 2015. Do Relatório do CTA “Projeto Seringueiro - Antecedentes e História”, vêm os textos assinados por Vanya Regina Rodrigues da Silva. Os conteúdos todos foram organizados por Marcos Jorge Dias, professor, jornalista e escritor, autor dos livros “Face Oculta”, “Poemas Insensatos” e “Estórias do Aquiry e outros mundos”, publicados pela Editora Xapuri; e por Maria Letícia Marques, funcionária pública federal, estudante de Direito e redatora voluntária da Revista Xapuri. A produção é da gerente executiva da Xapuri, Janaina Faustino, a capa é do Emir Bocchino, inspirada no enxoval de artes do Comitê Chico Mendes, a edição (e alguns títulos) é de Zezé Weiss, fundadora e editora da Revista Xapuri. Apresentado por Angela Mendes e Júlio Barbosa de Aquino, o livro “Projeto Seringueiro”, preparado por sugestão de Pedro Ivo Batista, da ONG Alternativa Terrazul, faz parte da coletânea “Chico Mendes na COP 30”, produzida com o apoio da Fundação Banco do Brasil, para impressão pelo Senado Federal.



Foto: Miranda Smith

UMA ESCOLA PARA SERINGUEIROS: NA MATA

Mary Allegretti



Foto: Mary Allegretti

O Projeto Seringueiro – Educação, Saúde e Cooperativismo para Seringueiros de Xapuri, Acre, foi a primeira iniciativa de educação para seringueiros, idealizada por Chico Mendes, apoiada pelo Sindicato dos Trabalhadores da Amazônia e implementado pelo

Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia – CEDOP.

Uma das primeiras organizações não governamentais da Amazônia, [o CEDOP foi) criado pelas pessoas que executaram o projeto, com o objetivo de apoiar o movimento dos seringueiros do Acre.

Criado em outubro de 1981, com sede em Rio Branco, tem como objetivos pesquisar, documentar e divulgar a realidade da Amazônia rural, urbana e indígena, e executar projetos de desenvolvimento econômico, social e de educação popular.

O material didático, denominado PORONGA, foi elaborado com base em minha dissertação de Mestrado realizada no Seringal Alagoas, em Tarauacá, Estado do Acre, em 1978, e com apoio técnico do CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação, sob a coordenação do educador Sérgio Haddad, em 1981. A primeira equipe do Projeto Seringueiro foi formada por Marlete Oliveira, Ronaldo Oliveira e eu, Mary Allegretti.

Quando o Projeto Seringueiro fez a primeira reunião no Seringal Nazaré, em Xapuri, em julho de 1981, para discutir como iria funcionar a cooperativa que os seringueiros pretendiam organizar, surgiu um problema: quem iria organizar o registro do movimento, se ninguém sabia ler e escrever? Sugerimos uma escola. Pensaram logo nas crianças e ficaram animados. Sempre aspiraram por uma. Sugerimos uma escola para os adultos. Não acreditaram que seria possível.



Primeira reunião sobre criação de cooperativa e escola do Projeto Seringueiro no Seringal Nazaré, Xapuri, Acre, 1981. Foto: Mary Allegretti

Disseram que já eram muito velhos e a cabeça não era boa para o estudo. Mas o argumento maior era que ninguém se interessaria em dar aula no seringal. Além do que, eles não tinham tempo para estudar, por causa da seringa, do roçado, da espera do alimento na noite.

O seringueiro do Acre, rico em sabedoria aprendida na floresta, não teve, historicamente, senão raramente, o acesso à escola. E isso volta-se contra ele a todo instante. É enganado na comercialização da borracha e outros produtos e na aquisição de mercadorias, como todos sabem.

Essa situação, generalizada entre eles, deu origem à ideia de que nada pode ser feito para mudá-la. Foi assim com os pais e os avós e essa é uma situação natural.

Faz parte do mundo dos seringueiros e não vêm como algo criado por uma história própria de exploração.

A ideia de fazer uma escola no seringal, perto das colocações, para os seringueiros, somente começou a ser analisada quando nós dissemos que seríamos os professores e que eles iriam definir quais os dias de estudo e quais os de trabalho. Combinamos, então, nessa reunião, que eles iriam começar a construir a escola e nós, eu, Ronaldo e Marlete, nos prepararíamos para ser professores. E no começo do outro verão as aulas iriam começar.

Procurando criar algo novo e que respondesse a essas necessidades, a equipe do Projeto buscou assessoria com um centro voltado para educação popular em São Paulo – o CEDI, Centro Ecumênico de Documentação e Informação. Foi dessa parceria que surgiu o material de educação dos seringueiros, denominado Poronga: nome dado ao conjunto de material didático – orientações ao monitor, cartilha de alfabetização, exercícios de português e fichas de matemática - produzido pelo CEDI.

Poronga é uma lamparina que os seringueiros da Amazônia usam na cabeça quando saem, na escuridão da madrugada, para fazer a extração do látex. Foi o nome escolhido para o material de alfabetização e primeiras contas para os seringueiros, com o significado que eles mesmo afirmam: “do mesmo jeito que a poronga alumia a estrada para o seringueiro cortar de madrugada, o livro vai alumiar nossas ideias”.

Não havia material didático que pudesse ser utilizado na alfabetização de seringueiros. A especificidade do modo de vida na mata, o linguajar, o modo de pensar, as palavras usadas no cotidiano, precisavam fazer parte de um livro de educação de adultos.



Imagen: CTA-Acervo Histórico

PORONGA

Poronga foi, também, a primeira contribuição do CEDOP aos seringueiros do Acre: projeto-piloto desenvolvido com homens e mulheres que vivem e trabalham no Seringal Nazaré, município de Xapuri, no 1º semestre de 1982. É a versão do material produzido em 1981, pela equipe de educação popular do CEDI, por solicitação do CEDOP, para o Projeto Seringueiro.

A Poronga procura responder a duas necessidades: valorizar o saber do seringueiro resultado de sua própria história e dar a ele informações necessárias para encontrar autonomia política e social, ou seja, para raciocinar criticamente sobre a sociedade em que vive.

A outra, é o domínio do cálculo matemático fundamental para realizar por conta própria a comercialização. Para isso, o material está voltado para a decodificação de uma conta-corrente tradicional de um barracão. Ou seja, como se forma o débito e o saldo. Quais são as operações matemáticas que estão ocultas nesse processo tão mágico que leva sempre ao endividamento.

A ESCOLA

A primeira escola surgiu muito integrada à experiência de organizar a comercialização conjunta de borracha e mercadorias. Por isso foi denominada escola cooperativa. Começou a funcionar no verão de maio de 1982, como havia sido combinado com os seringueiros. E eles definiram o ritmo de trabalho: chegavam aos sábados no começo da tarde, dormiam na escola e voltavam para suas colocações no domingo à tarde; homens, mulheres e jovens. Quinze alunos formaram o primeiro grupo.

Essa escola foi implantada a mais de um dia, a pé, da cidade de Xapuri, em plena mata. Lá ficaram morando os dois monitores do Projeto, Ronaldo e Marlete, durante mais de dois anos. Acompanharam as idas e vindas em torno da cooperativa: as desconfianças dos

seringueiros diante de uma proposta nova de organizar a vida nunca antes experimentada; as pressões dos intermediários que viram-se alijados de um mecanismo familiar de exploração; as desconfianças de pessoas da cidade que viam com suspeição um movimento de seringueiros com pessoas de fora da região.

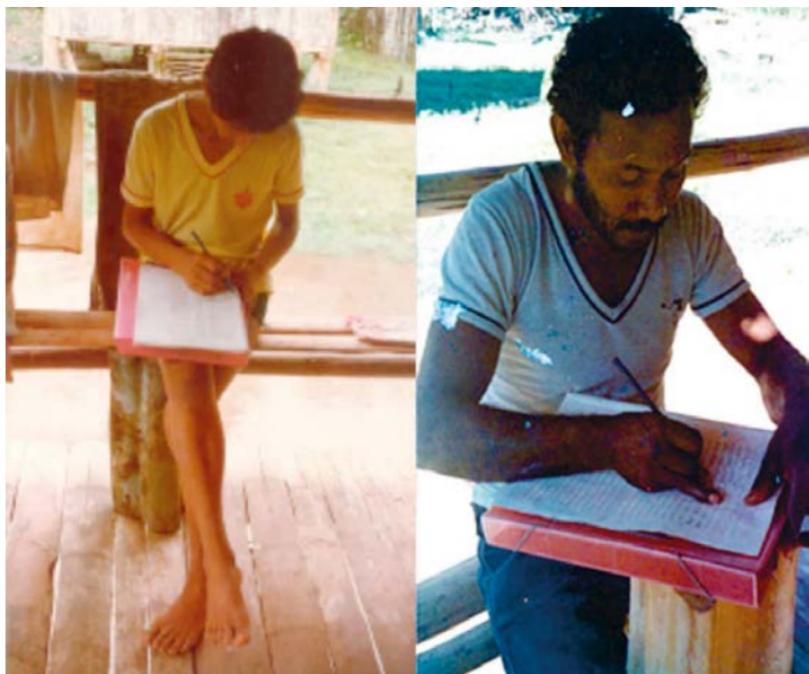
A escola acompanha a vida do seringal. Quando tem uma festa, uma reunião do Sindicato, ou uma desobriga, não há aula. Se os filhos vão para a escola no final de semana, os pais escolhem outro dia para aprender. Assim sempre fica alguém na colocação. Ir para a escola é, também, preparar a alimentação em conjunto, armar a rede e passar a noite conversando com os companheiros, ironizar e brincar com os erros e dificuldades dos outros. Uma parte na qual os seringueiros são mestres.

A escola ensinou alguns seringueiros a ler, escrever e contar. Outros ainda não completaram o processo. Não há pressa. Ninguém está ali preocupado com rendimentos imediatos. O que se pretende é demonstrar, através de uma pequena experiência, que é viável uma solução alternativa para o modo tradicional de vida dos seringueiros desde que certas especificações históricas sejam levadas em consideração.

A primeira escola demonstrou a viabilidade da proposta. A partir desse momento seringueiros de outras áreas começaram a visualizar um processo semelhante. Começaram a discutir como organizar outras cooperativas e outras escolas.

Mas agora dentro de uma nova dinâmica: cooperativas organizadas desde o início por iniciativa de grupos de seringueiros e escolas com monitores-seringueiros.

Aqueles que já sabem ler e escrever vão aprender a ensinar aos outros. Estava ali o embrião de um movimento de educação de adultos para ser incorporado pelo Governo do Acre.



Fotos: Mary Allegretti

As aulas sempre começavam com uma conversa a respeito do tema ou da palavra chave da aula. Veja como isto se deu na aplicação da primeira versão da cartilha no Seringal Nazaré, na Escola Rural Wilson de Souza Piñheiro, em 3 de junho de 1982, com o seringueiro Chico Marinho, Alzira, sua mulher e eu como monitora:

Mary: Aqui na frente do livro de vocês tem essa figura, aqui: o que o Sr. acha que essa figura diz?

C. Marinho: É um seringueiro com uma poronga na cabeça.

Mary: O que será que ele está fazendo?

Alzira: A poronga?

Mary: É.

Alzira: Alumiando.

Mary: Prá que serve a poronga?

C. Marinho: Prá alumiar, prá cortar a seringa...

Alzira: Quer dizer... que ela serve prá tudo, né. Em qualquer canto que a pessoa tá aperreado, né, que não tem luz, a gente se serve dela. Na cozinha, né. É como uma lamparina.

C. Marinho: Prá viagem.

Mary: O Sr. conhece alguém que faz?

C. Marinho: Conheço, mora lá na rua; eles mesmos fazem a poronga, tudo isso ele faz.

Mary: De que é feita a poronga?

Alzira: De flandre.

Mary: Dura muito tempo, ou sempre tem que comprar outra?

Alzira: Sempre tem que comprar.

C. Marinho: Todos os anos tem que comprar outra. O total dela durar é um ano.

Mary: E eles cobram quanto? O Sr. Sabe quando custa uma poronga?

C. Marinho: Tá custando Cr\$350,00, uma. Inda agora eu perguntei mesmo lá no comércio.

Mary: O Sr. usa poronga?

C. Marinho: Eu gosto de usar porque tem muita serventia. Porque às vezes a gente vai numa viagem à noite, ou entonce a gente sempre sai prá espera, leva ela, deixa ali de vez em quando desce da espera já vê ela aceasa. De forma que ela tem muito prestígio, ajuda muito o trabalhador rural. Põe querosene e alumia. Agora ela só tem uma vantagem: ela só alumia prá frente, prá trás, nada.

Alzira: Prá trás, de jeito nenhum.

Mary: E isso é bom ou é ruim? É vantagem, isso?

C. Marinho: É vantagem porque devido o amparado da luz de traz ela clareia muito bem prá frente, né. Por-

que atrás é amparado, não clareia nada pra trás, a luz só penetra toda pra frente. Clareia bem.

Mary: Então a poronga é importante para o seringueiro... Então, esse livro, que é o livro do seringueiro, ele chama poronga. Aqui em baixo, nessas letras, está escrito PORONGA. Agora, porque será que a gente chamou o livro do seringueiro de PORONGA?

C. Marinho: Aí eu não tô a par... diretamente.

Mary: Mas o que que o Sr. acha? O que que a Sra. acha, Dona Alzira?

Alzira: Eu vou dizer uma doidera (risos).

Mary: Pode dizer...

Alzira: Porque ele é seringueiro.

Mary: Porque ele é seringueiro. E tem mais uma razão também. A poronga serve para que?

Alzira: Prá alumiar.

Mary: E o livro?

C. Marinho: Prá estudar.

Mary: Prá estudar. Por que será que chama PORONGA?

C. Marinho: Bom. É o sentido, o sentido de chamar o livro PORONGA é o sentido de que nós estamos no escuro por não saber ler. Entonce, vem o livro com as iniciais da PORONGA, fazendo a representação que vem nos dar sobre o que ele trás prá o ensino nosso, né.

Mary: É bem isso, seu Chico Marinho. É por isso mesmo que a gente chamou ele de PORONGA. Se a PORONGA alumia a estrada pro seringueiro, então vamos ver se o livro e a escola ajudam o seringueiro na caminhada dele.

Fonte: Folha do Acre, 10.08.1983. Imagens e texto enviados por Mary Allegretti para o jornalista Marcos Jorge Dias, via e-mail, em 21.05.2025.



ESCOLA WILSON PINHEIRO: A PRIMEIRA ESCOLA DO PROJETO SERINGUEIRO

Manoel Estébio Cavalcante da Cunha



Escola Wilson Pinheiro, Seringal Nazaré. Foto: Mary Allegretti

Em março de 1982, os materiais didáticos foram testados nas aulas que se iniciaram na Escola Wilson Pinheiro, a primeira escola do Projeto Seringueiro, destinada inicialmente à alfabetização de pessoas adultas.

O laboratório onde se desenvolveu essa experiência, do ponto de vista territorial, foi a colocação “Já-Com-Fome”, no Seringal Nazaré, onde o casal Ronaldo

Lima e Marlete Oliveira residia e onde, em um processo de construção coletiva, a escola foi feita, em “adjunto” (mutirão), pela própria comunidade.

Essa primeira escola foi batizada com o nome de Wilson Pinheiro em homenagem ao nosso companheiro e mártir assassinado pelo latifúndio em 21 julho de 1980, na sede Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, o qual ele presidia.

À época, a colocação “Já-Com-Fome» estava sob domínio da fazenda Bordon que, naquela conjuntura, hegemonizava a ofensiva dos latifundiários contra os territórios onde tradicionalmente viviam seringueiros e indígenas.

Além do pessoal do Seringal Nazaré, outras famílias de outros dois seringais, que também estavam sob ameaças da fazenda Bordon, se juntaram no processo de discussão e construção da Escola Wilson Pinheiro: sete famílias do Seringal Nazaré (família do Chico Marinho, do Demétrio Flores, do João Sena, do Zé Conde, do Isaías Ferreira, do Valderi Vicente, e o senhor Sebastião Rocha, o seu Rochinha, que era um eremita); uma do Seringal São Pedro (Família do Simplicio Pereira); e outra do Seringal Tupá (Família do Sabá Marinho).

Em setembro de 1982, o Projeto Seringueiro incorporou em sua equipe o casal Manoel Estébio Cavalcante da Cunha e Dercy Teles de Carvalho, e a escola Wilson Pinheiro foi transferida para a colocação Deserto, no mesmo Seringal Nazaré. Naquele ano, Ronaldo e Marlete deixaram o Projeto, permanecendo na Escola Wilson Pinheiro apenas Manoel Estébio e Dercy Teles.

As outras escolas iniciais do Projeto Seringueiro foram feitas nas próprias casas das pessoas, em um processo muito forte de solidariedade. Como se usava o método Paulo Freire, as palavras geradoras eram luta, sindicato, adjunto e outras da realidade dos seringueiros. É só ver as primeiras cartilhas para observar que os e as professores/as ou monitores/as não precisavam falar muito, bastava usar as cartilhas.

A partir de 1983, com a criação do CTA, foram incorporados à equipe o indigenista Armando Soares, a militante do Centro de Direitos Humanos, Fátima Silva e a socióloga Eloísa Winter.

Fonte: Revista Xapuri, edição 120, outubro de 2024 (www.xapuri.info).



UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR LIBERTADORA

Manoel Estébio Cavalcante da Cunha



Foto: Professor Pingo (enviada por Manoel Estébio)

O Projeto Seringueiro foi um movimento de educação popular libertador, implantado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri (STR), a partir das florestas do Vale do Acre, com uma base constituída majoritariamente por seringueiros e seringueiras, tendo à frente das discussões o líder político Chico Mendes

Originalmente iniciado nas colocações de seringueiros das comunidades extrativistas do município de Xapuri, o Projeto Seringueiro desenvolveu trabalhos e

atividades de educação popular em um sentido mais abrangente, desde o ponto de vista que Lênin e Arroyo atribuem ao ato educativo, cuja função não se restringe, exclusivamente, à instituição escolar.

Articulado pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e contando com a liderança de Chico Mendes e outros militantes das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), o Projeto nasceu no início da década de 1980, em um cenário de conflitos fundiários marcados pela ofensiva de grandes fazendeiros – denominados genericamente de “paulistas” – sobre as terras tradicionalmente ocupadas por seringueiros e povos indígenas.

A cartilha Poronga, material didático oficial do Projeto, foi criada por educadores e militantes sociais em articulação com o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), com financiamento de instituições como OXFAM, CESE e o Ministério da Educação. Composta por cartilhas de Português, Matemática e um Manual do Monitor, a Poronga recebeu esse nome por sugestão de dona Alzira e seu marido Chico Marinho.

Para eles, assim como a poronga (lamparina) iluminava os varadouros da floresta à noite, a cartilha serviria de luz para a compreensão do mundo e das relações sociais, ajudando os seringueiros a se libertarem das práticas opressoras dos patrões e marreteiros.

As ações do Projeto não se limitaram ao campo educacional. Com o apoio de lideranças comunitárias e da Pastoral da Juventude, foram desenvolvidas frentes de atuação nas áreas da saúde popular, agroecologia e economia solidária.

Um dos marcos desse processo foi a criação da Central de Produção e Consumo (CPC), que permitia aos seringueiros comercializar sua produção fora do circuito exploratório dos atravessadores e adquirir bens essenciais com mais autonomia e justiça.

Esse modelo rompeu com práticas antigas como o sistema de troca e a “tara” da borracha, que penalizava os trabalhadores com descontos abusivos sob o pretexto de compensar a água contida no produto.

Inspirado no projeto chinês dos Médicos dos Pés Descalços, o Projeto Seringueiro também investiu na formação de agentes comunitários de saúde, valorizando saberes tradicionais como a fitoterapia e ampliando o acesso a informações sobre doenças e prevenção. Assim, promovia-se um cuidado integral com a vida na floresta, respeitando as práticas locais e fortalecendo a autonomia das comunidades.

A expansão do Projeto, a partir de 1983, contou com a contribuição de novos quadros técnicos e políticos. Com a criação do Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA), foram incorporados nomes como o professor Binho Marques e a educadora Regina Hara, que lideraram uma nova fase voltada também à educação de crianças e adolescentes, incorporando às metodologias freireanas contribuições do Construtivismo e das teorias do Letramento, a exemplo de Magda Soares, Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

No que tange à Educação, no ano de 2017 o Projeto Seringueiro deixou de existir. Sua inexistência gerou um vazio, sobretudo no campo da educação escolar, onde o Estado implantou a metodologia de educação

rural que recria, nos territórios extrativistas, a antiga escola da cidade que “prepara” de forma acrítica as novas gerações para uma realidade que não é a delas.

As crianças e jovens da floresta voltaram a aprender com professores de fora de suas comunidades, que lhes ensinam que elas devem estudar “para sair do atraso que são os territórios florestais” conforme, segundo Reichenbach, “essa concepção de educação rural, que pensa o campo meramente como território de produção econômica, não considera o espaço histórico social e suas relações sociais e políticas”.

O Estado passou a impor uma concepção de educação rural desvinculada da realidade amazônica, muitas vezes desconsiderando o conhecimento tradicional e a identidade das populações extrativistas. Com isso, as crianças e jovens passaram a ser formados por professores externos às comunidades, com conteúdo descontextualizados, que reforçam a ideia de que viver na floresta é sinônimo de atraso.

Mesmo com o fim institucional do Projeto, seus frutos ainda resistem na memória coletiva e nas práticas de educadores comprometidos com os valores que o originaram. O depoimento de Tião Aquino, ex-aluno e professor do Projeto, evidencia a importância de uma educação que respeita e valoriza a cultura local:

Me formei estudando no Projeto Seringueiro com a Cartilha Poronga, que reforçava a nossa cultura. Depois fui professor e ensinei pelo mesmo método e me saí muito bem. Meus alunos aprenderam de maneira crítica. Hoje a Secretaria de Educa-

ção impõe os livros das editoras de São Paulo que ensinam coisas que não dizem respeito à vida de nossos jovens. Os exemplos que a gente via eram todos de nosso meio. É preciso recriar o Projeto Seringueiro ou algo parecido, como a Escola-Família Extrativista.

Ficaram boas memórias e muitas lições aprendidas que, aqui e acolá, inspiram ações isoladas da velha e da nova militância. O testemunho acima mostra que, mesmo com todo o desmonte, algumas centelhas das práticas de educação desenvolvidas pelo Projeto Seringueiro ainda resistem.

O Projeto Seringueiro permanece como referência para a construção de políticas públicas que dialoguem com os territórios e com os sujeitos que neles habitam. Sua história é um testemunho de que a educação popular, quando vinculada à luta e à organização coletiva, é capaz de transformar realidades, preservar culturas e forjar futuros possíveis para os povos da floresta.

Fonte: Revista Xapuri, edição 120, outubro de 2024.



MARCO INICIAL DA LUTA ORGANIZADA

Vanya Regina Rodrigues da Silva

O Projeto Seringueiro foi o marco inicial da luta organizada dos seringueiros pela sua emancipação social e econômica, tendo em vista sua libertação, pois, nasceu no bojo do movimento sindical, em julho de 1981, nos Seringais Nazaré e São Pedro, na região de Xapuri.

O Projeto Seringueiro nasce a partir da articulação entre seringueiros que não se propunham a abandonar a floresta, de onde sempre tiraram os seus sustento e algumas pessoas da cidade, que simpatizavam com a luta pela resistência dos extrativistas, através da ação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Xapuri.

Tal ação constituía uma das frentes de luta do Movimento dos Seringueiros pelo direito à vida na floresta.

O projeto surgiu de uma ideia de Chico Mendes, desenvolvida em parceria com a antropóloga Mary Allegretti, e obteve o apoio do Centro de Documentação e Pesquisa da Amazônia (CEDOC), da Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE), e do Centro Ecumônico de Documentação e Informação (CEDI), visando, inicialmente, estabelecer Núcleos de produção e consumo, uma forma embrionária do que viria a ser a cooperativa agroextrativista de Xapuri.

No entanto existiam fatores limitantes e os altos índices de analfabetismo nas áreas representavam um ponto de estrangulamento dessas ideias.

Fonte: “Projeto Seringueiro: Antecedentes e História – Relatório do CTA”.

FRENTES DE AÇÃO POLÍTICO-SOCIAL DO PROJETO PARA A FORMAÇÃO DE LIDERANÇAS

Manoel Estébio Cavalcante da Cunha

Entre o início e meados dos anos 1980, principalmente a partir de 1983, por meio do CTA, o Projeto Seringueiro criou várias outras frentes de militância e de educação político-social, dentre elas: a Central de Produção e Consumo (CPC), voltada para a comercialização da produção extrativista e a aquisição direta de mercadorias que consumiam; uma frente de atuação no campo da saúde comunitária popular; um projeto de desenvolvimento comunitário, com ênfase na implantação de Sistemas Agroflorestais (SAFs) e de açudes; e uma estratégia para o desenvolvimento de ações no campo da formação política e assessoria a lideranças dos sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais.

Nesse sentido, a ação político-social do Projeto Seringueiro foi muito produtiva, sobretudo no que diz respeito à contribuição para a criação e o fortalecimento do movimento de seringueiros em Xapuri e em todo o Vale do Acre.

Por exemplo, sua atuação foi fundamental para a realização do I Encontro Nacional de Seringueiros, em Brasília, onde, no dia 17 de outubro de 1985, foi criado o Conselho Nacional de Seringueiros (CNS) – desde 1997 denominado Conselho Nacional das Populações Extrativistas – e lançada, por Chico Mendes, a propos-

ta das Reservas Extrativistas, como um projeto inovador de reforma agrária para a proteção das florestas na Amazônia.

Fonte: Revista Xapuri, edição 120, outubro de 2024.



EDUCAÇÃO NA FLORESTA

Vanya Regina Rodrigues da Silva



Imagen: CTA – Acervo Histórico

No ano de 1988, após o assassinato de Chico Mendes e com o acúmulo das lutas, somada às diferentes experiências das populações tradicionais na relação com a floresta e a contribuição dos povos indígenas na discussão fundiária, foi possível formular uma nova concepção de acesso à terra e de reforma agrária na Amazônia: as Reservas Extrativistas (Resex) e Projetos de Assentamento Agroextrativistas (PAEs).

Novas modalidades de assentamento onde a lógica de organização social, distribuição da terra e produção extrativista fora respeitada e considerada. O reconhecimento dessas reservas, garantindo às comunidades extrativistas o acesso à terra foi uma grande conquista.

Nesse contexto e no convívio com as comunidades locais o Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA) percebeu que a saúde e a educação, apesar de serem fundamentais, não promoviam a viabilização das áreas extrativistas em sua plenitude.

Faltava o componente econômico. Enfim, faltavam alternativas que, adaptadas à realidade sócio ambiental, consolidasse o desenvolvimento local e a autonomia comunitária.

Fonte: “Projeto Seringueiro: Antecedentes e História – Relatório do CTA”.

O ENSINO DE CRIANÇAS E JOVENS

Vanya Regina Rodrigues da Silva

Até o ano 1985 a modalidade de ensino era basicamente voltada para alfabetização de adultos, muito embora desde o seu início os pais trouxessem os filhos para aprender junto. A alfabetização, era em caráter de urgência, com vistas à gestão dos núcleos e formação de monitores/lideranças para atuarem na comunidade em várias frentes: escola, sindicato, cooperativa, posto de saúde, com a rotatividade bastante acentuada de professores/alunos. O princípio da alfabetização do Projeto é o respeito a cultura cabocla, aos saberes dos seringueiros e a metodologia de trabalhos com adultos dava-se a partir da abordagem de Paulo Freire, com estudos de palavras geradoras presentes no cotidiano do seringueiro, seguida da construção de material didático como resultados dos aprendizados.

A partir de 1986 aprofundou-se uma tendência que já se verificava desde o início do projeto: começou a mudar o perfil etário dos educandos das escolas do projeto Seringueiro passando-se prioritariamente a atender uma demanda constituída na faixa etária de 06 a 14 anos, invertendo o que acontecia desde o início, quando o atendimento era prioritariamente para adultos, que, ao mesmo tempo em que empurravam suas crianças para dentro da escola, foram se afastando. Aumentou a pressão comunitária para que o Projeto Seringueiro abrisse outras escolas para atendimento prioritário a crianças, principalmente as de faixa etária entre 07 e

14 anos, tornando algo difícil de concretizar devido o distanciamento do governo da causa do movimento dos seringueiros, gerando preocupação na equipe de educação do CTA que começou a incorporar outros referenciais teóricos além dos de Paulo Freire, como Jean Piaget, Lev Vygotski, Henri Wallon, Delia Lerner e outros teóricos da abordagem construtivista e sócio interacionista, mas, permanecendo os mesmos princípios.

Este período também foi marcado pela preocupação com o material didático para trabalhar com crianças e jovens. Nas salas de aula, o livro utilizado era a cartilha da Poronga pensado para adultos. A partir da coleta de experiências com os professores, os mesmos identificaram que a cartilha atendia o nível de leitura e escrita para crianças por conter coisas da realidade do seringal.

No entanto, ao problematizar as palavras geradoras tais como Sindicato, a cooperativa, o barracão, presentes na cartilha, não estava no alcance das crianças, devido ao viés político que envolviam essas palavras, mesmo que estas fossem de sua realidade.

Fonte: “Projeto Seringueiro: Antecedentes e História – Relatório do CTA”.

O PRIMEIRO CURSO PARA PROFESSORES SERINGUEIROS

Vanya Regina Rodrigues da Silva

Com a crescente pressão do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri para que se expandisse a atuação do Projeto a outras áreas geográficas do município de Xapuri e com a impossibilidade de se conseguir quadros habilitados para o magistério, nesse período as ações eram voltadas para:

- a. Fortalecimento da cooperativa recém-criada
- b. Cursos de formação de professores
- c. Expansão de escolas nos seringais
- d. Supervisão Escolar enquanto complemento da formação.

Em 1983, os professores do Projeto se constituem enquanto equipe técnica e passam a realizar um trabalho de multiplicação de professores com voluntários leigos dos próprios seringais.

Em setembro do mesmo ano, o mês inteiro, é realizado o primeiro curso para professores seringueiros, com candidatos leigos ao magistério. O material básico deste curso é a própria Cartilha Poronga.

De modo geral, os primeiros professores da floresta praticavam várias atividades produtivas: agricultura, caça, pesca e extração, o que impedia sua dedicação integral à escola, funcionando estas, somente aos finais de semana na modalidade de alfabetização de adultos.

Os seringueiros e seringueiras de acesso aos primeiros cursos de formação, tinham o seguinte perfil: leigos e com pouca escolarização formal. A maioria alfabetizou-se no seringal, estudando com a mãe, pai ou algum parente.

No entanto, os professores com estes perfis, só atuaram nos 03 (três) primeiros anos do Projeto até 1983. Com a continuidade dos cursos de formação esses professores foram sendo alfabetizados e pós-alfabetizados para atuarem como professores em suas comunidades. Em alguns casos, por serem os únicos a dominar a escrita e a linguagem numérica, eram solicitados para gerenciamento dos núcleos de cooperativas e direção sindical. Segundo relatório de atividades desenvolvidas no ano de 1983, o Projeto Seringueiro proporcionou:

- a. A convivência e alternativas para modificação e melhorias de vida, proporcionando conhecimento do modo de vida, da história e da cultura do povo;
- b. A eliminação da intermediação de marreteiros e a organização de uma pequena central de produção e consumo;
- c. Houve a valorização da cultura local e informações até então não acessíveis aos trabalhadores.

Fonte: “Projeto Seringueiro: Antecedentes e História – Relatório do CTA”.

O CONTEXTO DA CONSTRUÇÃO DA AÇÃO POLÍTICO-SOCIAL DESENVOLVIDA PELO PROJETO SERINGUEIRO

Manoel Estébio Cavalcante da Cunha



Foto: CTA – Acervo Histórico

O Projeto Seringueiro surge no início dos anos 1980, no município de Xapuri, no Acre, em uma conjuntura marcada pelas disputas fundiárias que opunham as populações tradicionais do estado, constituídas por indígenas e extrativistas, em sua maior parte seringueiros,

e os latifundiários provenientes, sobretudo, das regiões Sul, Centro-Oeste e Sudeste do país.

Esses agentes neocolonizadores, que recebiam das populações locais a denominação genérica de “paulistas”, caracterizavam suas ações pela extrema violência com que tratavam as populações autóctones, incluindo, segundo diversos registros históricos, a queima de casas de famílias de seringueiros com gente dentro, com a plena anuênciia dos poderes constituídos do Estado brasileiro.

Raimundo Mendes de Barros, o Raimundão, expressiva liderança do Movimento, companheiro de luta e primo de Chico Mendes, testemunhou esse processo da chegada dos “paulistas”, no final dos anos 1970, quando era agente de endemias na antiga Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucam). Eis o seu depoimento:

Ouvi relatos de casas de seringueiros que foram destruídas por fogo, outras derrubadas por motosserras. Depois eu vi isso, e aquilo me chocou bastante, pois quando eu ia fazer os trabalhos nos lugares onde moravam esses companheiros seringueiros, eles hospedavam a gente, davam rede e comida para mim e meus colegas da SUCAM.

O Projeto Seringueiro se constituiu uma agência educativa poderosa, haja vista que promoveu a educação escolar e política, inicialmente dos/as líderes sindicais e dos/as monitores/as do Projeto, que eram os e as agentes de pastoral que faziam parte das Comunidades

Eclesiais de Base (CEBs), na época as únicas agências de militância e formação social e política na região do Vale do Acre. Júlia Feitoza Dias, cofundadora do CTA, descreve o papel fundamental dos monitores e das monitoras no Projeto Seringueiro:

Os monitores [e monitoras] vinham na maioria das vezes como voluntários e voluntárias, sem remuneração e dependendo muito da organização da comunidade. Às vezes dava para dar aula quinta, sexta e sábado, outras vezes de quinze em quinze dias. Às vezes os alunos vinham uma semana por mês. E aí as pessoas que já eram alfabetizadas, que conseguiam apreender conteúdos, elas também davam aulas.

Fonte: Revista Xapuri, edição 120, outubro de 2024.



O DESENVOLVIMENTO DO MODELO PEDAGÓGICO E A ELABORAÇÃO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS DO PROJETO

Manoel Estébio Cavalcante da Cunha

O Projeto Seringueiro tinha por base metodológica a filosofia de Paulo Freire. Anteriormente, outras experiências de educação na Amazônia, tendo por referência o método Paulo Freire, foram desenvolvidas nas prelazias de Tefé e Parintins, no Amazonas, nos anos de 1963 e 1973, respectivamente, e em Santarém, no Pará, no ano de 1964.

Essas experiências de alfabetização de adultos foram desenvolvidas pela Igreja Católica por meio do Movimento de Educação de Base (MEB) e se realizavam com aulas transmitidas por radiofonia.

No Acre, a construção desse modelo pedagógico, adaptado à realidade local, ocorreu no início de 1981 e esteve a cargo da antropóloga Mary Allegretti, do indigenista Ronaldo Lima de Oliveira, da militante da Pastoral da Juventude católica Marlete Lima de Oliveira e do professor da Universidade Federal do Acre (UFAC) Pascoal Torres Muniz.

Essas pessoas, assessoradas pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), entidade sediada em São Paulo, construíram um Projeto Político-Pedagógico de Alfabetização e Pós-Alfabetização e um conjunto de materiais didáticos denominado “Poronga”, composto pelas cartilhas de Português e Matemática, e pelo Caderno do Monitor.

O processo de construção e edição dos materiais didáticos ocorreu em São Paulo, entre junho e dezembro de 1981. Nas discussões para definir o nome do material didático a ser produzido, a escolha recaiu no nome “Poronga”, sugerido pela senhora Alzira Marinho. Em sua argumentação, ela disse:

Assim como a poronga “alumia” o caminho dos seringueiros durante o corte da seringa na escuridão dos varadouros, varações [atalhos nos caminhos no interior da floresta] e estradas de seringa, não saber ler e escrever e contar é como se a gente estivesse na escuridão, pois a pessoa se enrola nas contas que os marreteiros e patrões mostram pra nós, e a gente sempre está devendo e não pode nem reclamar, pois a gente está na escuridão de não saber ler e nem escrever para dizer que a gente não deve aquele tanto de dinheiro.

O apoio financeiro para custear os trabalhos de levantamento do universo vocabular, de discussão dos temas e das palavras geradoras, para definir o nome do material, para a edição das primeiras Cartilhas de Português e Matemática e do Manual do Monitor, e os recursos para auxílio laboral aos primeiros monitores/as e professores/as foi doado pela Oxford Family (Oxfam), pela Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE) e pelo Ministério da Educação (MEC).

Fonte: Revista Xapuri, edição 120, outubro de 2024.



Foto: CTA – Acervo Histórico

SO
UMA
A

O Jacamim

VIDA DE SERINGUEIRO

Antônia Pereira Vieira

Eu gosto de cortar seringa e tenho meu horário certo de sair para cortar. Levanto sempre cedo, pois sou muito vagarosa pra esse trabalho. É um trabalho muito cansativo, gasta muitas horas pra chegar ao término.

Quando vou só cortar é diferente de colher. Para cortar levo minha cabrita, meu terçado de bainha na cintura. Para colher levo meu balde, minha palheta, meu saco e minha estopa.

Todo seringueiro começa a cortar no mês de maio, porque o mês de abril é pra fazer a limpeza nas estradas. Muitas vezes tem que botar algum recurso na estrada. Depois de empicá-las tem que roçar.

Após duas ou três estradas, aí vem a raspagem que é muito chata. Raspa e coloca a tigelinha que é para aparar o leite. Isso o seringueiro tem de aproveitar o máximo, pois ele [quer] ser correto.

Nas tardes, quando chega da estrada toma um cafezinho, fuma seu Arapiraca, deixa o leite para outra pessoa defumar e vai para um barreiro, que é um lugar onde as caças começam a comer, findando num buraco grande, ou então vai pra uma comida, isto é, uma árvore que dar frutos que as caças gostam: caxinguba, manitê, niarê, guaniúba, embiriba etc...

Para caçar, o seringueiro leva uma rede, ou pega uns paus e amarra de uma árvore para outra, e fica esperando a caça entrar debaixo para ele matar. No caso do seringueiro ter um igarapé perto de casa, pesca à tar-

dinha ou à boquinha da noite, pois é o horário melhor que tem para pegar peixe.

Isso ele faz constante, sempre repetindo: caça, pesca, bota armadilha, até que chega o meio do ano, época que o seringueiro para uns dias o corte da seringa para brocar o roçado.

Mês de junho broca, julho derruba, agosto seca, setembro queima, espera chover duas ou três vezes para poder começar a plantar.

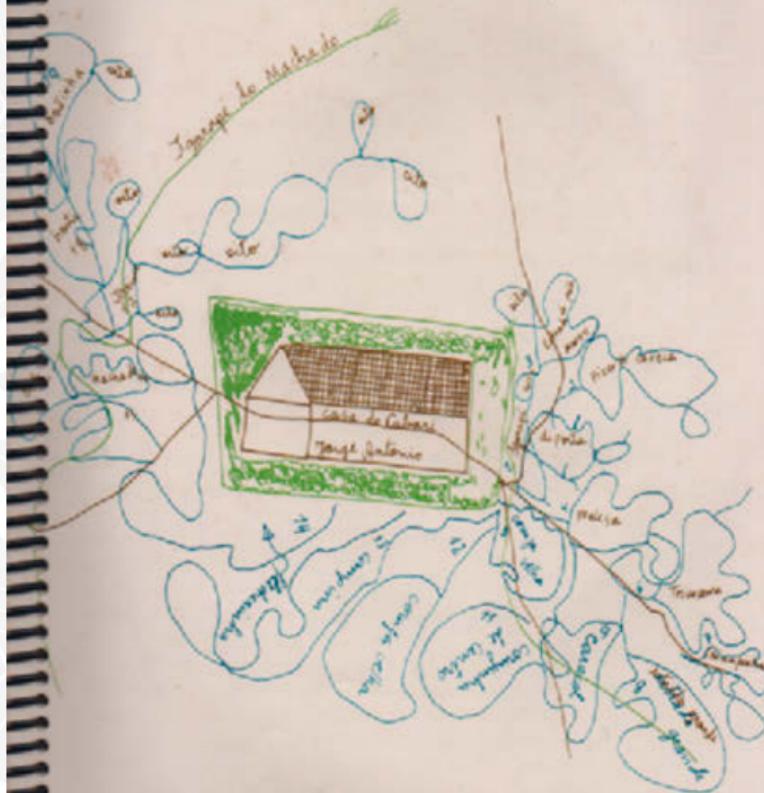
A plantação para todos do interior é muito boa. O seringueiro que não compra arroz, feijão, milho, farinha, pouco açúcar, está um homem feito, pois a despesa dele é só com as coisas que a terra não dá, tais como: querosene, sal, sabão, etc.

Na casa de um seringueiro que tem fartura no roçado, tem como criar os animais gordos e sadios, com abundância, criando pato, galinha, porco, capote, égua e cavalo.

Fonte: “Cartilha Poronga – Estudos Sociais”. CTA/Acervo Histórico.



COLOCAGEM CABO RÉ



VIDA DE SERINGUEIRO

Risonete Félix Nogueira

O seringueiro, normalmente, sai para cortar as cinco horas da manhã, levando a cabrita para cortar, o balde para colher o leite da tigela, e o saco para carregar o leite para casa. Onze horas fecha o corte, volta para colher, terminando às três horas da tarde.

No mês de abril é tempo de roçar e raspar a estrada. A época de começar a corta é no final de abril continuando até outubro.

Nestes meses também se espera caça, porque tem muita comida para os bichos na mata.

A broca do roçado se dá nos meses de junho, julho, agosto e setembro. Neste último, toca fogo, e quando começam as primeiras chuvas, planta os legumes. Com o prazo de quatro meses começa a colheita.

A seringa tem importância para a família, pois do seu leite faz a borracha, e compra o que é necessário. A importância do roçado é não comprar legumes. Já as criações, como galinha, pato, porco e outras, servem para comer, quando não tem caça, e vender.

Os animais domésticos servem de transporte.

Os riscos de vida dos seringueiros são: picada de cobra, a queda de uma ponte, ou mesmo a onça.

Fonte: “Cartilha Poronga – Estudos Sociais”. CTA/Acervo Histórico.



MAIO



JUNHO



eu já
tento ir só de
bonança



SETEMBRO



foi hora de
recadar o gado



OUTUBRO

estou plantando
muito





Imagen: CTA – Acervo Histórico

ATIVIDADES DO SERINGUEIRO

Maria Araújo de Aquino (Leide)

A época de brocar o roçado vai do mês de maio a junho, porque queima bem e é bom para plantar. Quando começam as chuvas, planta-se milho, macaxeira e arroz. Depois limpa-se o roçado.

Em fevereiro é a colheita do arroz e milho.

Colhendo-se tudo, limpa-se toda a terra em que foi plantado o arroz e o milho, para que se possa plantar o feijão que geralmente se dá no mês de março ou abril. De pois roça-se e raspa-se as estradas para começar a cortar em maio, junho, julho e agosto.

Em setembro corta-se menos pois é hora de plantar outra vez. No final do ano tem a quebra da castanha.

Os trabalhos domésticos não têm tempo, nem fim. A mulher do seringueiro, no fundo no fundo, é quem mais trabalha. Pois ajuda na plantação do roçado, na colheita, no corte da seringa, cuida dos animais como: galinha, porco, pato, cachorro, gado, e ainda lava roupa, pila arroz, cozinha, limpa a casa e acima de tudo a grande tarefa de cuidar de todos os filhos, que geralmente são muitos. Todo ano tem um filho.

A importância da seringa e do roçado é muita, o roçado serve para a alimentação da família, pois só da seringa não dar para comprar o que não se pode plantar, como: roupas, remédios, calçados, ferramentas para o trabalho e algumas economias para passar o final do ano na cidade com a família.

Os animais têm importância porque o seringueiro que não cria qualquer tipo de animal, como: porco, galinha, pato, um cachorro, para ajudar a caçar, ou mesmo uma vaquinha pra tirar leite pro filho, muitas vezes passa necessidades.

No seringal tudo é difícil e muito caro. O leite, por exemplo, é horrível o preço.

Os riscos de vida do seringueiro são muitos, pois pode ser picado de cobra. Lá no mato não tem assistência, as vezes até morre. É arriscado cair de uma ponte, escada, no caso de quem corta trepado, risco de ser comido pela onça.

Na derrubada do roçado é perigoso cair um galho de pau na sua cabeça e muitos outros riscos de vida que o seringueiro enfrenta que só ele mesmo sabe contar.

Fonte: “Cartilha Poronga – Estudos Sociais”. CTA/Acervo Histórico.



O MODO DE CORTAR SERINGA

Pedro Teles

Para trabalhar na seringa é preciso prepará-la primeiro. Quanto às seringueiras que não são cultivadas há anos, é preciso que o seringueiro empique primeiro, para poder limpá-las.

O seringueiro costuma limpar suas estradas todos os anos. Depois que as estradas estão limpas o seringueiro raspa os lugares onde vai cortar. Para este trabalho, se gasta três a quatro dias.

Quem faz borracha defumada, depois que termina de raspar as seringueiras, de suas estradas, começa os seus defumadores: tirar cavaco, lenha para aquecer o leite; e outros materiais necessários, que o seringueiro precisa para cortar como: laminar a faca, balde, saco e correia de amarrar a boca do saco.

O seringueiro que hoje não usa defumar, prepara-se de outra maneira; porque ele usa leite coalhado; ou deixa coalhar na tigela, ou colhe para coalhar em casa. Neste caso prepara-se armazenando na caxinguba, água de limão e água de mandioca, para “coalhar” o leite com facilidade.

O seringueiro que deixa coalhar no mato, na maior parte não usa material algum para coalhar o leite. Só corta e com uns dias volta para colher o sernambi. Ao chegar em casa com o sernambi, coloca numa caixa e imprensa para unir e tirar a água da borracha.

Fonte: “Cartilha Poronga – Estudos Sociais”. CTA/Acervo Histórico.



Seringueiro - Imagem: CTA – Acervo Histórico

A MULHER SERINGUEIRA

Rosivarque Cavalcante de Freitas

A vida da mulher dona de casa no seringal, é o seguinte: primeiro. ao amanhecer, cuida da comida das crianças, em seguida das criações. Em terceiro coloca comida no fogo.

A mulher sempre trabalha no roçado, pesca, e muitas caçam, fazem viagens, lavam roupa e até cortam seringa.

Enfim, o trabalho da mulher é semelhante ao do homem. No caso de o homem viajar, ela assume a administração da casa, muitas vezes com maior direção que o homem.

Fonte: “Cartilha Poronga – Estudos Sociais”. CTA/Acervo Histórico.



A FAMÍLIA SERINGUEIRA

Maria Araújo de Aquino (Leide)

Quem corta seringa geralmente é o chefe da família, às vezes necessitando de um meeiro. Comumente, a caça é feita pelos homens, já a pesca entra homem, mulher e filhos maiores.

No roçado, os trabalhos mais pesados, como broca, derrubada, são feitos pelos homens. Plantar limpar, colher é o homem, a mulher e filhos. Os trabalhos domésticos são das mulheres e filhos, muito raro o homem que ajuda a mulher.

As compras são feitas pelos homens, mulheres e algumas vezes o filho. No caso da quebra da castanha, o meeiro, no caso de existir.

Dependendo das condições, estudam todos da família, mas no comum, estudam os filhos. A sindicalização, geralmente são os homens que participam, em poucos casos, as mulheres.

Quando o chefe da família é delegado sindical, pode se tornar mais difícil, pois viaja muito, perde tempo, e com isso a mulher e os filhos trabalham mais.

Fonte: “Cartilha Poronga – Estudos Sociais”. CTA/Acervo Histórico.

CALENDÁRIO DO SERINGUEIRO

JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO
Quebra de castanha Limpeza de macacheira Caçar Pescar Esperar, etc.	Quebra de castanha Colheita de arroz Colheita de milho Pescaria Caçadas	R. L. P. Ra. En.
MAIO	JUNHO	JULHO
Continua cortando seringa Caçando Esperando de noite	Corta seringa Broca roçado Caça, espera festa de adjuntos de brocas nas vésperas de S. Pedro, Santo Antônio e S. João	Co. De. ca. ja.
SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO
Planta milho Macaxeira Banana, cana de açúcar Arroz	O corte de seringa mes primeiros raspa as estradas para começar a cortar	V. t. o. t.

MARÇO	ABRIL
Coçagem de estrada limpa de terra para plantar feijão, spagam de estrada tencilhamento.	Corteça a cortar seringa ai vai o mês inteiro. No mesmo mês tem também os Plantios de feijão.
JULHO	AGOSTO
Corte de seringa Arrubada de péu çadas e esperadas noite	Corte de seringa Coçada Esperada à noite
NOVEMBRO	DEZEMBRO
Vem as turpas dos legumes com como: arroz, mocareira cana-de-açúcar e também cor- tando a seringa nos dias que não chover.	Cortar seringa Caçar Pescar, etc.

Fonte: CTA - Acervo Histórico

HISTÓRIA DA MINHA FAMÍLIA

Antônia Pereira Vieira

A história de minha família foi mais ou menos assim: eu, quando era criança morava aqui na cidade de Xapuri. Estudava com muito sacrifício. Mesmo assim consegui fazer meu curso primário.

Era uma vida muito dura porque éramos pobres, minha mãe era lavadeira, trabalhava de sol a sol todos os dias para me sustentar e mais quatro irmãozinhos.

Meu pai morava lá no seringal e só vinha no fim de cada mês, só para nos ver e brigar com minha mãe porque ela não queria ir para o seringal, pois lá tinha serviço que ele gostava, e não na cidade.

Ficamos nesta vida por algum tempo. Minha mãe explicava para ele o seguinte: “Temos que nos sacrificarmos por nossos filhos, para que eles aprendam a ler e a escrever, para não serem analfabetos, igual a nós. Pois no seringal não tem escola para eles”.

Quando eu completei meus catorze anos fui passar minhas férias no seringal. Quando cheguei conheci o Francisco, um rapaz de boa família, apesar de ser pobre. No decorrer de um ano casamos e ficamos morando no mesmo seringal.

Depois de dois anos de casada veio minha primeira filha, Com dois anos, veio outra e assim tive sete filhos: sendo quatro homens e três mulheres. Foi uma vida muito difícil para enfrentar, com toda essa meninada pequena. Mesmo assim ainda conseguia ajudar o marido nos trabalhos mais próximos de casa.

A meninada foi crescendo, e a coisa foi melhorando. Quando o mais novo estava com sete anos, participei da primeira reunião na vida, não sabia nem como era reunião. Quando participei da terceira reunião fui escolhida para ser monitora da igreja onde trabalhei dois anos. O povo gostou muito do meu trabalho e resolveu me eleger a delegada sindical da área.

Eu acertei e trabalhei sete anos, aí pedi um afastamento para um tratamento. Depois, sempre participando de reunião, apareceu uma proposta de escolas. E sempre se martelando em cima disso que até consegui um contrato para professora, isso ainda morando no mesmo seringal, que é o Cachoeira, pelo qual briguei e se Deus não mandar o contrário acabo morrendo neste seringal com os anos que Deus me permitir.

Fonte: “Cartilha Poronga – Estudos Sociais”. CTA/Acervo Histórico.

Colocação pimenteira



Imagen: CTA-Acervo Histórico

HISTÓRIA DA MINHA FAMÍLIA

Pedro Teles

Aqui está a história da minha família.

Eu nasci no seringal São Pedro colocaçao Extrema. Saímos desta colocaçao e fomos para o seringal Boa Vista, morar numa colocaçao chamada Simueiro, daí mudamos pra outra colocaçao no mesmo seringal, que é conhecida por Pimenteira.

Esta mudança aconteceu no ano 1958 e até hoje estou morando nesta colocaçao.

Durante todo este tempo, nunca morei fora da minha família. O meu trabalho sempre dedicado aos meus pais e irmãos. No ano de 1981, me filiei ao sindicato e comecei a participar dos movimentos populares, como reuniões, empates e outras manifestações.

E, através deste movimento encontrei uma menina que simpatizei e por acaso, hoje ela é minha companheira. O nome dela é Maria das Neves, já temos um filho com um ano e nove meses e está indo tudo muito bem. Mudei a maneira de pensar e de trabalhar.

Hoje em dia na Pimenteira mora eu, com a mulher e um filho, e o meu irmão e sua esposa. A minha mãe passa tempos em nossa colocaçao e passa outro tempo na casa de sua filha em Rio Branco.

Assim vivemos. Todos trabalham e a colocaçao pertence a toda família.

Fonte: “Cartilha Poronga – Estudos Sociais”. CTA/Acervo Histórico.

A FAMÍLIA SERINGUEIRA

Jorge Antonio Alves

Quem corta seringa na família é o dono da casa, o filho, o meeiro, e dificilmente a mulher, por causa das atividades de casa.

O dono da casa prefere colocar meeiro, porque tem um grande com promisso com a família.

O meeiro gosta de trabalhar porque quase sempre é uma pessoa sem família, isto é, não tem mulher.

O filho do dono da casa não trabalha “de meia”, pois o pai prefere que trabalhe para casa. É por isso que os filhos dos seringueiros, dificilmente completam quinze anos na casa dos pais.

Fonte: “Cartilha Poronga – Estudos Sociais”. CTA/Acervo Histórico.



ESTÓRIA DE UMA CAÇADA

Antônia Pereira Vieira

Uma certa vez, num seringal chamado Sai Cinza, morava um velho chamado Zequita, [que] gostava muito de caçar e botar armadilha.

Uma tarde de uma quinta-feira, sua mãe lhe chamou e disse: “Meu filho, diminua essas suas caçadas, pois não precisa você matar tanta caça assim, que muitas vezes até se estraga.

Sua mãe sempre o alertava para deixar disso. Não tinha necessidade de ir caçar, porque terça-feira ele tinha matado uma anta, um porquinho do mato, um tatu, um veado roxo, um jacú e uma paca. Não adiatou.

Sexta-feira arrumaram o necessário e saíram. Quando já tinham andado bastante, se separaram e foram longe. Zequita começou a escutar uns gritos feios e foi se aproximando. “Quem foi que comeu meu fígado?”, dia o grito. O bicho, cabelud e com um olho só, no meio da tesa, apareceu gritando mais de perto.

Cada grito era uma abocanhada e dizia: “Isso é pra você deixar de matar caça sem precisão” e dava outra abocanhada. Zequita lá, trepado na árvore ouvindo isso, fez um juramento baixinho que nunca mais ia caçar sem necessidade. E foi assim que se salvou.

Fonte: “Cartilha Poronga – Estudos Sociais”. CTA/Acervo Histórico.

ESTÓRIA DE UMA CAÇADA

Irene Pereira da Silva

Era uma vez um homem chamado Luís, que gostava muito de caçar.

Quando foi um belo dia foi pra mata caçar. Andou, quando ele ia passando numa ponta de mato, escutou um grito. Ele disse: “Quem será que grita” o grito foi se aproximando. Ele ficou em pé; arrumou um plano: “Vou subir neste pau”. Quando ele estava lá em cima, viu o bicho que gritava: era uma raposa.

Luís disse: -”mais que coisa!!! Eu pensava que era outro bicho”.

Desceu lá de cima e aplicou um tiro mesmo no meio da cabeça da raposa que explodiu: Vou miolo pra todo lado.

Aí Luís deu uma risada:” Quá, quá, agora eu vou pra casa. Que coisa! Eu com medo, pensava que era outro bicho, uma raposa!!!”.

Fonte: “Cartilha Poronga – Estudos Sociais”. CTA/Acervo Histórico.

ESTÓRIA DE UMA CAÇADA

Ademir Pereira Rodrigues

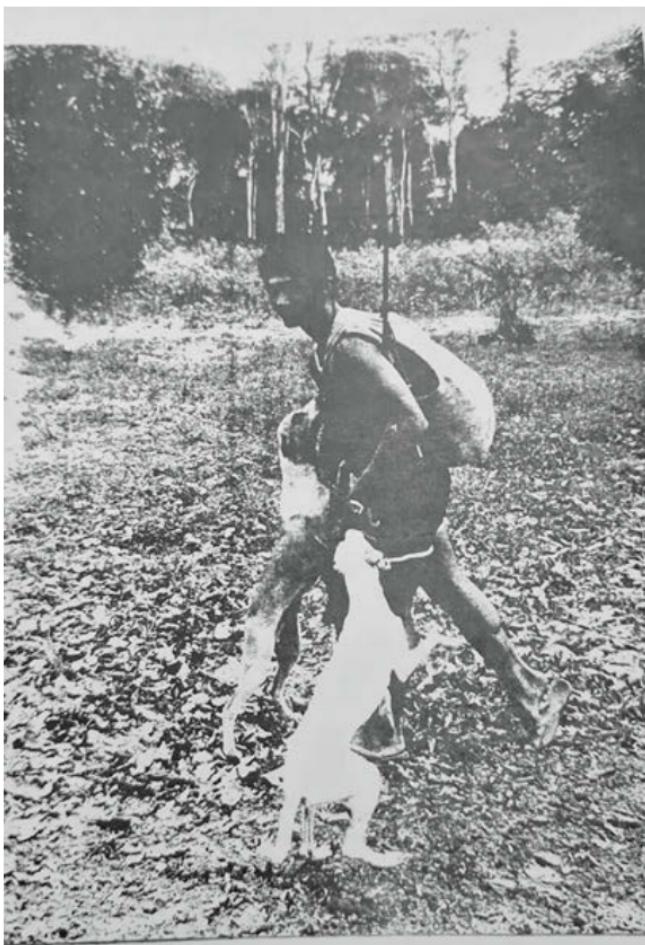


Foto: CTA – Acervo Histórico

Um certo dia, um homem que morava no seringal, estava sem mercadoria em casa, não tinha nada mesmo para comer e resolveu ir ao barracão para comprar algumas mercadorias. Quando ele chegou no barracão, das coisas que ele queria, só tinha sabão. Mesmo assim ele resolveu comprar o sabão pra lavar pelo menos a roupa.

Quando já vinha de volta, decidiu dar uma volta no mato: “Quem sabe posso até matar uma caça”. E assim fez. Quando já vinha perto de casa, ainda sem nada, passando por cima de um balseiro, notou que debaixo mexeu alguma coisa e ele começou a cutucar.

Quando deu fé, espirrou uma cutiara e ele correu atrás. Antes da cutiara se distanciar da vista dele, viu que ela entrou num ôco de um pau. Era uma castanheira muito grande. Quando ele olhou o ôco que o bicho tinha entrado, quase chorou, pois só cabia a mão dele. Mesmo assim ele começou a escavacar com a faca. “Ah! Meu Deus, parece que não tem jeito!”, pensou ele, aí sentou-se e começou a pensar.

Com pouco lembrou que levava sabão e reanimou-se. Pegou uma barra de sabão e começou a passar no oco. Foi passando sabão, foi ficando liso e foi entrando, foi entrando, foi entrando e até que conseguiu pegar na perna da cutiara e tirou. Aí acabou-se tempo ruim.

Fonte: “Cartilha Poronga – Estudos Sociais”. CTA/Acervo Histórico.

ESTÓRIA DE UMA PESCARIA

Agripino Pereira da Silva

Uma vez fui pescar no Igarapé Espalha, mais três companheiros.

Saímos cedo, pegamos a canoa e começamos a tarrafiar. Quando foi lá pelas onze horas a gente estava tarafeando num poço de nome Poço da Cobra, aí a tarrafa enganchou.

O meu irmão mergulhou três vezes e não foi onde estava a tarrafa enganchada. Eu mergulhei, encontrando a linha da tarrafa, desci por ela, passes por água morna, água fria, água gelada, até que cheguei onde estava a tarrafa enganchada.

Era um pau cheio de ponta. Eu comecei a desenganchar, os meus ouvidos começaram a tinir. O pior é que eu via tudo lá como se não estivesse debaixo d'água.

Temendo de tirar a tarrafa deste pau soltei e comecei a subir, e a subir e nada de sair. Eu já me encontrava, quase sem fôlego até que saí.

Dessa vez os ouvidos espocaram e eu fiques moquinho.

Fonte: “Cartilha Poronga – Estudos Sociais”. CTA/Acervo Histórico.



Imagen: CTA – Acervo Histórico

UMA ESTÓRIA DA MÃE SERINGUEIRA

Jorge Franco Martins

Três seringueiros saíram pra cortar, cada um em estrada de seringa diferente. Um deles, ao cortar a segunda madeira, sentiu uma pancada na mão derrubando o cigarro e o isqueiro.

Como não havia ninguém consigo ficou com muito medo, assustado, tremendo. Ao tentar acender o cigarro pela segunda vez, foi novamente impedido. Só conseguiu ao rezar Pai-Nosso e trocar de madeira.

Ao chegar na volta da estrada encontrou com os outros dois e contou o que sucedera. Um deles também vira uma visagem: uma mulher toda de branco seguindo-o enquanto cortava. O terceiro ficou debochando:

Isso só acontece com quem é medroso, não acontece comigo porque não tenho medo. Se acontecer, só com uma peixeira eu mato.

Às duas horas da manhã saíram pra colher o leite. Às três horas voltaram, exceto o terceiro. Esperaram até as seis horas e não chegou. Saíram para procurá-lo. Ao longo da estrada foram vendo que todas as tigelas estavam cheias de leite, ninguém o havia colhido.

No fim da estrada tinha muito leite derramado, ele caído no chão, morto, banhado de leite e por causa disso os cabelos tudo levantado, esticado.

Do lado havia um pedaço de sernambi com a peixeira dele toda enfiada, só com a ponta do cabo de fora. Parece que ele tentou se defender daquela visagem com a peixeira, mas ela virou sernambi e o matou.

O pessoal conta que esse seringueiro tinha um pacto com a mãe da seringueira. Tanto é que em todas as seringas que ele cortava retirava muito leite. Fazia, sozinho, até 150 quilos de borracha por semana. As madeiras que ele cortava davam muito leite. Em troca de tudo isso ele deveria cuidar, zelar da seringueira, não deixar estragar as madeiras, respeitar a Mãe da Seringueira.

Conta-se que aquela advertência que apareceu aos demais, ele já sabia que era por sua causa, pois haviam seringueiras sendo mal cortadas, estavam morrendo. Ainda por cima ficou debochando, então não estava respeitando a Mae da Seringueira e o acordo feito entre ambos.

Trouxeram o corpo para os médicos examinarem, não tinha golpes, pancadas, furos, ou qualquer outra marca, apenas os cabelos duros pra cima.

Fonte: “Cartilha Poronga – Estudos Sociais”. CTA/Acervo Histórico.





Imagen: CTA – Acervo Histórico

UMA HISTÓRIA DO MAPINGUARI

Ademir Pereira Rodrigues

Um índio que morou muito tempo com a minha família. dizia que não existe Mapinguari.

O que existe são índios velhos, muitos velhos, que quando não aguentam mais trabalhar ficam desconhecendo as pessoas, se revoltam com todo mundo, agredem os de casa e as crianças não podem ficar perto deles. Com uns tempos eles se mudam e vão pra mata, morar num oco-de-pau.

Esse índio chamava-se Pocero, que foi pego por cachorro na mata por caçadores. Ele mostrava as mordidas dos cachorros.

Algumas pessoas contam que viram índios velhos morando em ôco-de-pau, não mais sabia falar, só esturrrava, aquela coisa feia, tudo cabeludo, quase um monstro, uma força horrível, outro homem não dominava. ele, ficava feroz uma fera.

O índio que fica assim é aquele que foi muito amado pela sua tribo, então lhe davam um remédio da mata pra que ele nunca morresse. Com isso, ele fica velho demais, parecendo um monstro.

Esse índio velho se torna Mapinguari, porque quando passa gente por perto com criança ele pega e come mesmo. Ele só pega o que passa perto, pois não tem mais agilidade, fica só parado. Muitas vezes pega até parentes que vêm visita-lo.

Ele só morria porque quando passava a morar no oco-do-pau deixava de tomar o remédio. Esse que é o Mapinguari.

Eu acredito nisso, porque quem vive no mato conhece tudo que a mata tem, de tudo que existe mesmo, melhor do que a gente, que só ouve a estória.

Fonte: “Cartilha Poronga – Estudos Sociais”. CTA/Acervo Histórico.



O PROCESSO DE EXPANSÃO E CONSOLIDAÇÃO DO PROJETO SERINGUEIRO

Manoel Estébio Cavalcante da Cunha



Foto: CTA – Acervo Histórico

Numa primeira fase, entre os anos de 1981 e 1986, o Projeto Seringueiro formou basicamente pessoas adultas, ligadas aos quadros de dirigentes e delegados e delegadas do STR de Xapuri, e monitores e monitoras das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Do ano de 1987 em diante, atendendo a uma reivindicação da diretoria do Sindicato, o Projeto Seringueiro moldou um Projeto Político-Pedagógico voltado para os públicos infantil e adolescente, para também alfabetizar os filhos e filhas das famílias extrativistas.

Nessa nova fase, o Projeto Seringueiro foi presidido pelo professor Arnóbio (Binho) Marques, que convidiu a professora Regina Hara, do CEDI, para constituir uma equipe técnica formada por: Andrea Dantas, pedagoga; Francisca Bezerra, professora de Letras e Língua Portuguesa; Dejalcir Rodrigues, professor de Física e Matemática; e pelos ex-professores do Projeto Seringueiro, Ademir Rodrigues, Jorge Gomes, Assiz Monteiro e Pedro Teles.

Embora os materiais didáticos que passaram a ser produzidos para as escolas do Projeto tenham mantido a denominação de Poronga e, no que tange à orientação didático-metodológica tenham sido mantidos elementos do método freireano, a nova coordenação pedagógica incorporou muitas contribuições do Construtivismo e das teorias do Letramento.

E, se na primeira fase do Projeto Seringueiro a influência teórica fora de Paulo Freire, sobretudo por meio de suas obras seminais, como a “Pedagogia do Oprimido” e a “Educação como Prática da Liberdade”, na construção do projeto de educação voltado para crianças e adolescentes prevaleceram o pensamento de Magda Soares, principalmente com “O que é alfabetização e letramento”, e das professoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky, com a obra “Psicogênese da Língua Escrita”.

Fonte: Revista Xapuri, edição 120, outubro de 2024.

A EXPANSÃO DAS ESCOLAS

Vanya Regina Rodrigues da Silva



Foto: Professor Pingo (enviada por Manoel Estébio)

Este período foi marcado pelo fenômeno da expansão das escolas no seringal, marcado por diversos fatores: realização de muitos empates (1987), instabilidade no apoio técnico do CTA, efeitos do ano eleitoral as escolas saltaram de 9 para 19. No final de 1988, saltou para 35 escolas. Essa última expansão foi causada pela criação das primeiras reservas extrativistas.

Os cursos voltados para reciclagem de professores e capacitação de novos candidatos foram sendo oferecidos ao longo de todo o processo de expansão das escolas no atendimento a novas áreas geográficas do município de Xapuri.

Diante deste novo quadro para dar continuidade das ações do Projeto Seringueiro, o CTA teve que constituir uma equipe técnico-pedagógica com profissionais da área de educação objetivando:

1. Desenhar uma proposta curricular (entre 1988 e 1991) que respondesse ao novo quadro;
2. Formular a proposta Pedagógica do Projeto Seringueiro, voltada para criança e jovens agregando ideias construtivistas de Emília Ferreiro e de um trabalho com educação matemático pautado psicogênese de Jean Piaget;
3. Reformular o marco da Educação Matemática na busca de erigir uma pedagogia adequada a povos de tradição oral, integrando os universos afetivos, imaginários e a realidade física no processo pedagógico, sem perder de vista a abordagem de Paulo Freire.

Os documentos existentes no acervo do CTA apontam o resultado dessa expansão das escolas em curto espaço de tempo como fator negativo uma vez que dificultou o acompanhamento pedagógico ou supervisão em ação devida o número de técnicos do CTA que não

acompanhou a expansão das escolas, e ficou reduzido para acompanhar as mesmas, considerando a distância geográfica entre elas e as dificuldades de acesso.

Em meio a essa adversidade, muitas escolas foram abertas e fechadas, porém, muitas conseguiram sobreviver, alfabetizando crianças, jovens e adultos na escolarização da primeira etapa do ensino fundamental, chegando no ano de 2007 com um número de 49 escolas abertas pelo Projeto Seringueiro, dessas estão em pleno funcionamento muitas, com quadro de professores que passaram por formação inicial e continuada para atuar em sala de aula.

Na lógica da expansão, também dobrou o número de professores de 28 em 1984 para 45 em 1989. Desses 33 estão atualmente cursando o 3º grau.

Contribuir para a promoção de mudanças neste contexto foi o foco principal das ações do CTA na década de 1980, período em que foi estruturado o Programa Educação na Floresta, com atividades desenvolvidas através do Projeto Seringueiro.

A ideia central era o desenvolvimento de uma proposta pedagógica adaptada à lógica e à linguagem das populações extrativistas. A partir daí com o envolvimento direto do movimento social da época e das comunidades foi possível, sem a presença do Estado, a implementação da primeira escola formal e o primeiro posto de saúde nas florestas do Estado do Acre.

Fonte: “Projeto Seringueiro: Antecedentes e História – Relatório do CTA”.

PERSPECTIVA DE PROFESSORA

Cláudia Maria dos Santos Oliveira

Meu nome é Cláudia Maria, eu trabalho no projeto Asas da Florestania como coordenadora.

Acho muito gratificante estar nessa função e poder contribuir com o ensino aprendizado dos alunos das comunidades distantes, estar contribuindo com o professor quando levamos sugestões de estratégias, a partir das dificuldades detectadas na escola.

A gente também trabalha com o projeto de leitura e escrita, sempre levando livros literários, para os alunos fazerem o que chamamos de “A Doce Magia da Leitura”, quando proporcionamos os momentos de leitura literária para que depois eles façam um trabalho continuo com o professor, socializando o que leu, escrevendo e reescrevendo os momentos que a literatura proporciona. Também fazemos contação de estórias e algumas outras atividades nos momentos de visita.

Uma das dificuldades que eu acho é o acesso durante alguns meses do ano, como por exemplo: os períodos mais chuvosos, quando o acesso é mais difícil para chegar às escolas distantes. Alguns trechos ficam difícil de passar com a moto. Além disso, a gente enfrenta gado correndo atrás da gente quando tem de passar por dentro de fazenda, tem local que o rio prejudica a travessia e dá medo, pois eu não sei nadar. Mas sempre tem alguém que ajuda na travessia e aí, fica melhor.

Porém é muito gratificante quando a gente chega lá que encontra a sala cheia, o professor motivado, tra-

lhando e os alunos valorizam muito quando o professor sai daqui para ir na comunidades mais distantes levando o conhecimento para eles. Não só o conhecimento, mas as noções de cidadania.

Fonte: Núcleo da SEE, Xapuri-2008. CTA/Acervo Histórico.



PERSPECTIVA DE PROFESSOR

Dorival Ribeiro Rodrigues

Meu nome é Dorival Ribeiro, eu iniciei meu trabalho coma professor em 1999, pelo Projeto Seringueiro do CTA. Pelo projeto, trabalhei seis anos numa escola, a Escola Esperança II.

Há dois anos vim trabalhar na Secretaria de Educação do Estado (SEE) e esse ano foi meu primeiro ano aqui na coordenação, tô trabalhando como supervisor já fiz duas visitas esse ano aonde a gente se depara com escolas com 70, 60, 40 km.

No início, na minha primeira visita a gente teve algumas dificuldades para chegar devido o acesso, muita lama no inverno, rio cheio, transporte dificultoso, nós conseguimos chegar até escolas aonde nos deparamos com escolas com 10 alunos, outras com 20, 25 e a gente vem fazer um trabalho com os professores.

Nesse nosso trabalho, nessa primeira semana que nós entramos nós passamos fazendo uma avaliação diagnóstica em todo trabalho, aluno por aluno, como que, a gente definiu algumas habilidades que era para os professores estarem trabalhando?

Nos sentamos com eles e sentamos também com os alunos pra gente vê como está o nível de aprendizagem, se eles estavam de acordo com as habilidades, se alguns tinha essas habilidades.

A cada término de cada escola era feito uma memória desse trabalho, cada coordenador fazia essa memória, depois sentava e fazia uma avaliação e via como

estavam as porcentagens de cada aluno, quantos alunos tinha tantos por cento de habilidades.

No Projeto Seringueiro, quando eu entrei em 1999 a gente iniciou fazendo um curso de um mês aqui com as pessoas que estavam na frente, que era o Pingo e o Ademir. Na época tinha o Jorge Roxo, a Mira que era coordenadora do CTA.

O CTA trabalhou sempre com a realidade da localidade, valorizando sempre a realidade, fazendo um paralelo da realidade dos alunos, animais que eles conheciam, os meios de transporte que os alunos conhecem e fazendo um paralelo das cidades, fazendo essa diferença. Então começava trabalhando as coisas que o aluno já conhecia para a partir daí começar a trabalhar outras coisas novas que eles ainda não conheciam que tinham nos livros. Era muito legal!

Eles produziram livros. Foram feitos vários livros da história da realidade deles, história que eles conheciam de vida dos pais, dos avós, história de onça, de capivara, de macaco. Animais que eles conhecem, que eles contam melhor que nós enquanto professores, porque eles conhecem, é uma coisa da realidade deles e, também, o trabalho com materiais concretos.

Valorizava muito trabalhar com material concreto porque ajuda o aluno nesse trabalho, nesse processo de alfabetização e consequentemente, tá no crescimento dele, na leitura, depois que eles vão ampliando algumas situações.

Essa escola era do CTA, então, como eu já conhecia um pouco o processo eu tive facilidade de lidar com as pessoas que lá estavam com os alunos também que ti-

nham estudado com outra professora e era também do CTA e depois passou para o Estado, para a Secretaria, e nós como professores da Secretaria tivemos que trabalhar. Então os alunos já conheciam, facilitou.

Esse ano como supervisor, a gente já teve um trabalho em parceria com o CTA que é o trabalho da mala de leitura, que a gente vem fazendo, enquanto coordenadores, com supervisores aqui da Secretaria, na pessoa da Vanya, da Fernanda e da Cila.

É muito bom para a gente está trabalhando, nas escolas com os nossos professores que é o namoro com os livros, então, é muito interessante e a gente vem fazendo isso enquanto supervisor nas escolas e a gente tá vendo o crescimento dos alunos enquanto todas as escolas estão trabalhando com isso, com contação de estória, aproveita o namoro com os livros, leitura diária, que vem fazendo e esse trabalho vem rendendo muito, a gente vê o crescimento gradativo a cada mês a cada bimestre que a gente está indo lá, está sendo muito interessante.

Fonte: Núcleo da SEE, Xapuri-2008. CTA/Acervo Histórico.

PERSPECTIVA DE PROFESSORA

Maria Neucilene Lopes de Oliveira

Eu, Neucilene, trabalho como supervisora no projeto asas da florestania, gosto muito desse trabalho é um trabalho que motiva apesar das dificuldades de chegar até as escolas a maioria é de difícil acesso, ramal.

A gente tem que andar as vezes a pé, principalmente no inverno.

Apesar de todas essas dificuldades o que gratifica é pode chegar nessas escolas e pode contribuir com aprendizagem dos alunos que as vezes eles estão lá em locais isolados, onde eles só têm acesso mesmo ao conhecimento na escola.

Às vezes são famílias carentes e o gratificante de tudo isso é a gente vê a evolução na aprendizagem a gente trabalha muito incentivo a leitura que é um projeto de leitura.

A gente quando vai leva geralmente livros para fazer rodas de leitura onde eles podem estar através da leitura viajando, conhecendo novas realidades e esses livros eles socializam depois com a turma ou então quando a gente vai para o próximo acompanhamento.

É surpreendente como tem alunos que conseguem ler um livro e recontar para a sala toda e isso é muito gratificante para a gente.

Depois de feito o acompanhamento, a gente retorna para a Secretaria. Muitas vezes a gente senta com a equipe, porque nesse trabalho não sou só eu.

No caso da coordenação que cuida do Projeto Asas da Florestania, a gente tem 23 turmas, então, eu sou a coordenadora e tenho duas colegas que trabalham comigo.

Ao retomar [das visitas às escolas] a gente senta com a nossa gerente do Núcleo, professora Zilah, [e apresenta] todas as dificuldades do aluno [que registramos] em relatório, memórias, aí [trocamos] estratégias para poder ajudar aquele aluno que está com dificuldades de produção de texto. Ele vai sentar, estudar metodologias, estratégias que possam [reduzir] as dificuldades. Tudo só fica registrado nos relatórios e nas memórias.

Fonte: Núcleo da SEE, Xapuri-2008. CTA/Acervo Histórico.







Imagen: Acervo CTA

O PROJETO COOPERATIVA

Vanya Regina Rodrigues da Silva

O Projeto Seringueiro concebido no ano de 1981 visava viabilizar as propostas de criação de uma cooperativa com o objetivo de facilitar a vida do seringueiro, colocando em prática as propostas estabelecidas; sendo apresentado à Oxfam as propostas de liberação de verbas que possibilitou a construção do armazém para a cooperativa.

Após algumas recusas das propostas apresentadas e redução do orçamento original com o argumento de que estava muito alto e inviabilizava a sua implementação em outras áreas, finalmente os recursos foram liberados através do CEDOC/AM, para a construção de um armazém para estocar as mercadorias e a aquisição de animais para realizar o transporte do seringal até a cidade de Xapuri.

Em 1982 foi implantada a primeira escola-cooperativa no Seringal Nazaré, município de Xapuri, a 10 horas de caminhada da sede do município. Participaram dessa primeira experiência pessoas do Seringal São Pedro, com 5 horas de caminhada do Nazaré, num total de 15 alunos e a cooperativa 17 pessoas com idade aproximada de 10 a 50 anos.

Embora concebida como escola para adultos, dois fatores condicionam essa variação- a primeira diz respeito ao fato de que com 10 anos a criança já se insere no processo produtivo, dividindo as atividades com os adultos e tendo com ele o seu tempo condicionado- a

segunda, é a inexistência de escolas no seringal e a expectativa do seringueiro em relação a educação formal para os filhos.

Não havia absoluta correspondência entre os participantes da escola e da cooperativa e a experiência começa a mostrar que embora concebidas como unidades, as duas atividades guardam suas especificidades e também por vezes interesses diversos.

Fonte: “Projeto Seringueiro: Antecedentes e História – Relatório do CTA”.

A CAEX: COOPERATIVA AGROEXTRATIVISTA DE XAPURI LTDA

Gomercindo Rodrigues

Em abril de 1987, conseguimos financiamento de um projeto pela Desenvolvimento e Paz, do Canadá, para realizar o sonho de criar a cooperativa.

Foram, então, mais de mil quilômetros de andanças pelos seringais de Xapuri, com alguma centenas de reuniões, consultando as comunidades sobre a ideia da cooperativa.

Ao longo dos meses seguintes, voltei a cada comunidade pelo menos uma vez. Realizamos várias discussões em Xapuri. No total, talvez mais de mil e quinhentos seringueiros participaram de todas as reuniões.

Nesse extensivo processo de “ausculta” era comum ouvir questões sobre como nós, no caso eu e o “pessoal do Sindicato”, iríamos resolver problemas de abastecimento de gêneros, comercialização da produção, transporte etc.

Devolvíamos a pergunta, informando que a cooperativa seria dos associados e das associadas, portanto, quem quisesse se associar teria que contribuir na busca de soluções para os problemas.

Na assembleia geral ordinária do Sindicato, realizada no final de 1987, ficou decidido que a cooperativa seria fundada em junho de 1988, e que as discussões continuariam, para a elaboração de um estatuto, juntando tudo o que tínhamos discutido até então.

Foi criada uma comissão de seringueiros, assessorada por mim, para a elaboração do anteprojeto, que deveria ser discutido nas comunidades antes da geral de fundação.

No dia 30 de junho de 1988, foi realizada, em Xapuri, a Assembleia Geral de Fundação da Cooperativa Agroextrativista de Xapuri Ltda, a CAEX. Cerca de 90 seringueiros participaram, mas apenas 33 se associaram. A desconfiança fez com que muitos esperassem os primeiros resultados daquela cooperativa singular.

Começa pelo fato de que em seu Estatuto, diferente da quase totalidade dos estatutos de cooperativas brasileiras, não é necessário, para associar-se, que a pessoa seja proprietária de terras, pois se isso fosse exigido nenhum/a seringueiro/a poderia associar-se, uma vez que todos são posseiros e posseiras.

Com a comercialização da borracha por preços melhores, a compra das primeiras mercadorias e, mais à frente, os melhores preços para a castanha, aos poucos a cooperativa cresceu, chegando a cerca de 300 associados/as.

A CAEX enfrentou muitas dificuldades, crises violentas, com algumas pessoas propondo a sua extinção, mas os seringueiros seguraram a cooperativa e conseguiram, ao demonstrarem que não concordavam com o fechamento puro e simples de uma cooperativa que era deles e conseguiram novos apoios, o que faz com que a CAEX exista até hoje.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.



Foto: Marcos Jorge Dias



PROJETO MALA DE LEITURA

Maria do Socorro D'Ávila de Oliveira

O Projeto Mala de Leitura foi uma realização do Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA), ONG fundada em 1985, que atuava nas áreas de saúde, educação, manejo e uso sustentável dos recursos naturais renováveis pelas comunidades residentes em Unidades de Conservação do vale dos rios Acre e Purus.

A Mala de Leitura foi introduzida nas escolas do Projeto Seringueiro desde 1994, passando a fazer parte do Projeto Político Pedagógico daquelas escolas e consistia num rodízio de malas com no mínimo trinta livros de literatura infantil e juvenil de qualidade, um gravador, fitas cassete com a gravação de histórias dos livros, pilhas (porque esses locais não há energia elétrica), pilhas, espelho, lápis de cor e papel sulfite.

As malas iam para escolas em que o professor já tivesse participado de oficinas e cursos sob a orientação pedagógica do Projeto Seringueiro, a fim de prepará-los para realizar atividades envolvendo esse material, dentro e fora da sala de aula. Uma vez na escola, a mala ficava à disposição de toda a comunidade do seu entorno, que podia manusear e ler os livros em casa e na própria escola. Em sala de aula, o professor fazia um trabalho dirigido com leitura, interpretação, compreensão, teatralização e produção de textos e livros.

O objetivo desse trabalho foi ampliar o universo cultural e linguístico de comunidades que viviam (e algumas ainda vivem) isoladas, no interior da floresta, através

da literatura infantil e juvenil; aumentar a circulação de material escrito nas Reservas Extrativistas do Estado do Acre, a partir das escolas; possibilitar aos alunos o contato com a literatura infantil e juvenil, brasileira e universal, o conhecimento de outros universos culturais; disseminar a leitura de textos literários, de modo que pudessem vislumbrar um leque de possibilidades de leituras, interpretações e associações com a realidade dos leitores.

O projeto Mala de Leitura se estendeu, naquele momento, a 13 escolas atendidas pelo Projeto Serigneiro CTA, onde estavam envolvidas diretamente cerca de 400 pessoas, a maioria, crianças. Potencialmente, incluindo as pessoas das famílias, atingindo em torno de 2.000 pessoas. Vale ressaltar que a densidade demográfica na floresta variava de 0,2 a 2 habitantes por km² naquele período.

O trabalho com a Mala do Livro foi desenvolvido na Reserva Extrativista Chico Mendes e no Projeto de Assentamento Extrativista do Seringal Cachoeira (PAE) Cachoeira, em Xapuri; no PAE Porto Dias, em Acrelândia; e no PAE São Luiz do Remanso, no município de Capixaba (AC).

O acesso às comunidades escolares era feito através de varadouros, ramais e rios. Os varadouros são caminhos que interligam as colocações entre si e às rodovias e rios. São caminhos relativamente estreitos, às vezes íngremes, às vezes planos, enxutos ou alagados, com a presença de muitos igarapés, cuja travessia era feita sobre pinguelas, pontes feitas de troncos finos, mais estreitos ou mais largos, dependendo da estação.

Por esses varadouros vão e vêm - a pé ou em lombo de animais as pessoas, a produção do extrativista e mercadorias adquiridas na cidade. A qualquer momento por eles atravessam os demais habitantes da floresta: cobras, bandos de queixada, onças, tamanduás, veados, etc. Esses varadouros são feitos pelos próprios moradores, a facão e machado.

Os rios, na época das cheias, tanto apresentam belezas, encantos quanto perigos, tais como o confronto com animais e naufrágios das embarcações que por ele transitam. Já na época da seca, quando se tomam bem estreitos e rasos, os perigos ficam por conta da formação de corredeiras, que muitas vezes obrigam os transeuntes a desembarcarem a carga toda e arrastar a canoa usando cordas para poder ultrapassar tais lugares; o risco de, ao necessitar desembarcar dentro do leito do rio, pisar nalguma arraia e ganhar uma "esporãozada" muito dolorosa; havia ainda a presença de muitos troncos e galhadas fincados no seu leito, que dificultam as passagens, etc.

Quanto aos ramais, caminhos abertos por tratores, que ligam as rodovias às comunidades, na estação seca, a questão é a intensidade do sol do paralelo 10 sobre os transeuntes. Na estação chuvosa, o problema são os atoleiros formados, que chegam a impossibilitar o acesso de automóveis.

A distância entre a sede, na cidade de Xapuri, a essas comunidades variava de 2 a 22 horas de percurso, que podiam ser feitas parcialmente de motos, Toyota (Carro traçado 4x4), canoas e a pé, está a opção mais certa.

Foi nesse contexto que desenvolvemos nosso trabalho. Conduzindo a leitura em sala de aula, entre outros encaminhamentos, o professor orientava os alunos para após a leitura de contos, fábulas, eles inventem um outro final. Com essa atividade por exemplo, percebemos a ressignificação das histórias lidas dentro do quadro de referências sócio culturais local dos nossos leitores - a floresta.

Trabalhávamos a leitura contextualizando as histórias e seus personagens. Procuramos situar os alunos no tempo e no espaço, levando-os a entender que a literatura exerce uma função social: ligar pessoas de diferentes tempos, lugares, culturas, mundos através do livro, da literatura.

Em uma das atividades, depois da leitura da fábula “A formiguinha e o floco de neve”, em que a formiguinha prende o pé na neve e recorre ao sol, ao muro, ao homem e a Deus, que a ajuda. O professor pediu aos alunos que inventassem um outro final para a história da formiguinha. E um aluno escreveu: “Aí Deus pegou a formiguinha troceu, troceu e rebolou no mato.”

Tal fato nos deixou, a princípio, surpresos: puxa, que criança perversa! No entanto, durante a caminhada, refletindo a situação, atentamos para o fato de que formiga, no seringal, é uma praga que destrói plantações. Então entendemos a atitude do menino.

Observe-se que o fundamento moral das fábulas está referido a um determinado quadro de referências sócio culturais. Essa atividade oportunizou a todos nós repensar conceitos culturais que variam de um para outro lugar. Isso nos alerta para o perigo da reprodução de

padrões exóticos que nos são impostos, marginalizando assim os que não conseguem se encaixar nesses padrões.

Noutras palavras, foi preciso que estivéssemos preparados para lidar com as diferenças. O Projeto Seringeiro teve essa preocupação: trabalhar as diferenças, uma vez que atuávamos em áreas isoladas geograficamente, onde as informações só chegavam pelo rádio de pilha, porque nessas localidades não tinha energia elétrica e, por conseguinte, não havia televisão.

Para avaliarmos a evolução desse trabalho, procuramos observar, no cotidiano da escola, pontos como: atitudes das crianças com relação à leitura: animação demonstrada frente às leituras, o fato deles (os alunos) estarem lendo e escrevendo melhor - como disse um dos professores: ele (o aluno) não pega mais num lápis como quem pega no cabo duma enxada, conforme acontecia no tempo que começou o projeto. Agora o lápis corre no papel com leveza;

Além disso, foi necessário avaliar o trabalho como um todo: nós, enquanto mentores, executávamos o Projeto; acompanhávamos alunos, professores, ações, estratégias, qualidade do material, tudo.

Ao longo dessa avaliação, foi necessário a permanente revisão de conceitos, valores, presentes no quadro de referências socioculturais e ambientais das pessoas de onde realizávamos esse trabalho, confrontá-las com os nossos e com os que estão presentes nos livros.

Esse foi um processo lento, que demandou tempo, mas que vimos o resultado do trabalho. Ficamos felizes em ver jovens e adultos, principalmente crianças, lendo e divulgando a leitura de textos literários; e as crian-

ças que ainda não liam, ficavam ouvindo, recontando e reinventando as histórias.

Uma coisa interessante foi que as crianças, além de leem os livros, falavam da história lida, com prazer, despertando assim a curiosidade das outras crianças, que ia em busca daquele livro, para satisfazerm, também, a sua curiosidade, formando, desse modo, uma corrente de leitores.

Os leitores e as leitoras da Mala já produziram, nas escolas, livros artesanais adaptando algumas histórias dos livros da mala à sua realidade, criaram, e fizeram novas histórias já conhecidas que nem pensavam em escrever como registro no formato de livros, inclusive acompanhados de ilustrações.

Desses livros, três foram editados e inseridos no acervo Mala, e em decorrência disso, a produção de livrinhos deu um salto, porque todos queriam ver seu livro na mala, circulando por aí. A partir daquela fase foi feita a impressão de mais seis livrinhos. Essa foi uma forma de resgatar a cultura, a autoestima das pessoas que viviam isoladas pelas grandes distâncias das cidades, das oportunidades.

Através do livro, da literatura, foi possível apresentar aquelas pessoas outros mundos, novas referências. E, por acreditarmos que a leitura é um dos processos comunicativos que nos possibilita esta façanha, mostrar que viver na mata não significa estar enclausurado, é outro ritmo de vida, outros modos de olhar para um livro, são outras leituras.

Tais resultados foram percebidos quando fizemos a supervisão às escolas e ouvimos os alunos falando

sobre os livros que já leram, de autores e quais livros gostaram mais. Os menos volumosos têm maior aceitação. Observação que já foi considerada para a compra de novos acervos.

Segundo professores e alunos das escolas, o acervo da mala colaborou muito com o processo ensino-aprendizagem. E, segundo os professores, os alunos queriam aprender a ler para fazerem suas próprias leituras. Os relatos comprovaram que os alunos estavam mais envolvidos com o aprendizado e os resultados foram surpreendentes, com crianças de seis anos já lendo.

Na escola Nova Esperança II, por exemplo, a professora contou que deixou seus alunos à vontade para escolher e ler o livro que quisessem, para ver no que ia dar. De repente, ela percebeu que seus alunos estavam conversando sobre suas leituras e ela acabou percebendo também que eles estavam procurando aqueles livros lidos pelos colegas. E o mais interessante é que as histórias lidas chegaram à casa deles e os personagens passaram a fazer parte do cotidiano deles.

Abaixo, alguns depoimentos dos leitores:

Ah, esses livrinhos de histórias são interessantes. A gente tá lendo é bom porque a gente fica lendo melhor e aprende a escrever muitas palavras que a gente não sabia e ainda aprende um bocado de historinhas engraçadas. A gente e lê e copia, que ainda aprende mais e de todo jeito é bom. A professora diz pra gente levar pra casa, só que não é pra ficar. (André da Cunha, 9 anos, Colocação Terra alta, seringal Filipinas).

Eu acho esses livros muito legal. Com eles a gente aprende muitas histórias, a leitura da gente melhora, a gente escreve melhor. Agora sendo só pra ler, é melhor em grupo, na escola ou quando a professora a professora ler pra gente escutar. Mas pra aprender as histórias pra contar pros outros, é melhor ler em casa sozinho, lá ninguém faz bagunça e fica mais fácil aprender. A gente aprende a ler melhor. (Luciano Teixeira, 12 anos, colocação Boca da Caatinga, PAE Cachoeira).

Todos os livros são legais e têm histórias interessantes. Por isso chamam a atenção dos alunos para ler e com isso melhora a leitura e a escrita, além de ajudar no desempenho em outras atividades em sala de aula. A professora tem feito muitas atividades em sala de aula. É muito bom. (Lindaura Ferreira da Silva, 13 anos, colocação Boa Vista, Seringal São José).

Fonte: Documentos do Projeto Mala do Livro. CTA/Acervo Histórico.

PROJEÇÃO NACIONAL E RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

Manoel Estébio Cavalcante da Cunha
Maria do Socorro D'Ávila de Oliveira



Essa experiência pedagógica e política conquistou reconhecimento nacional e internacional. O Projeto foi premiado pelo Itaú/UNICEF em 1997 e recebeu, em 1999, o Prêmio Internacional Paulo Freire. Sua atuação foi crucial para o fortalecimento do movimento seringueiro, resultando na criação do Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS) e na proposição inovadora das Reservas Extrativistas, que buscavam aliar conservação ambiental com justiça social.

Em termos de educação escolar, o Projeto Seringueiro conseguiu, a exemplo do que ocorria com os projetos de educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), sobretudo no Sul do país, estabelecer um convênio com o governo do estado do Acre, por meio da então Secretaria de Educação e Cultura (SEC).

Foi constituída uma comissão paritária, formada por técnicos do Projeto Seringueiro e da SEC, que formulou e aplicou provas de concurso para candidatos ao magistério nas escolas organizadas pelo Projeto nos territórios extrativistas.

Em 1999, a ‘Mala de Leitura’ do Projeto Seringueiro foi inscrita no Concurso da seção brasileira do YBBI/FNLIJ, no Prêmio Os melhores Programas de Incentivo à Leitura para crianças e Jovens de todo o Brasil, concurso este inspirado no Concurso Ashay Shimbumb Reading Promotional Award. A FNLI deu o prêmio em livros, 500, e as editoras enviaram mais 500 para doação.

Com esse prêmio, o Projeto ganhou grande impulso. O número de malas foi ampliado e o acervo enriquecido. Na mala iam livros de autores de repercussão

nacional Sylvia Orthof, Ana Maria Machado, Lígia Bojunga, Márcia Kupstas, Ricardo Azevedo, Ziraldo, Bartolomeu de Queirós e internacional - Hans Christian Andersen, Jen Green, Antony Mason, entre outros.

Além do prêmio da seção brasileira do IBBY/FNLIJ, que apresentou o Projeto para concorrer ao prêmio internacional Ashay Shimbum Reading Promotional Award/IBBY, em 2001, onde ficou entre os finalistas. Em setembro de 2002, participou do *28th Congress of International Board on Books for Young People*, ocasião em que se comemorou os 50 anos de IBBY, em Basél, Switzerland, com relato de experiências.

Fonte: CTA/Acervo Histórico.

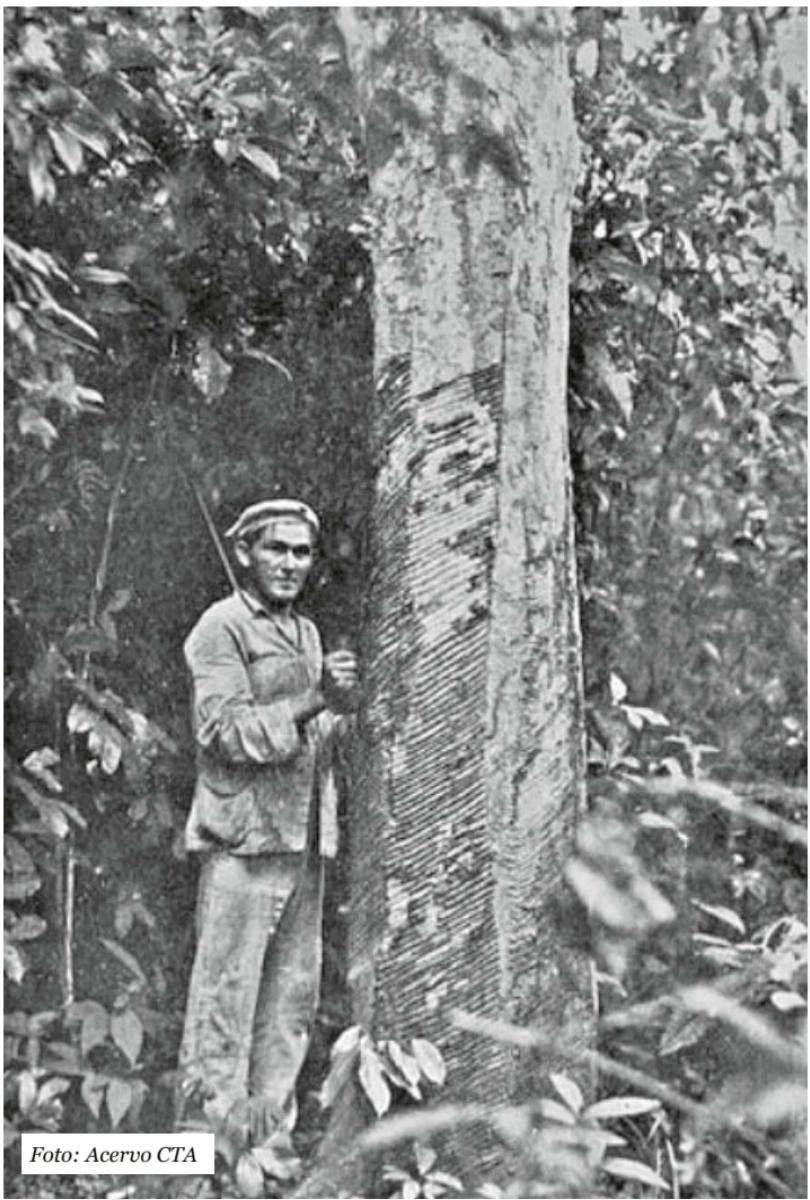
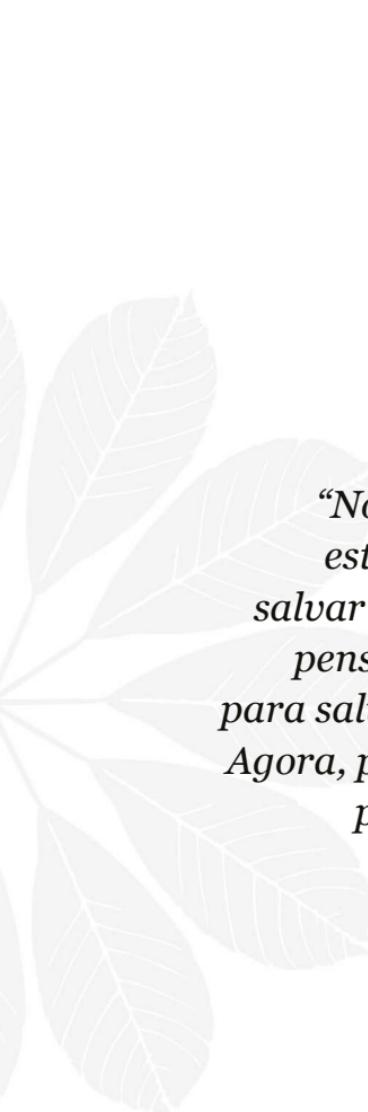


Foto: Acervo CTA



*“No começo, pensei que
estivesse lutando para
salvar as seringueiras, depois,
pensei que estava lutando
para salvar a Floresta Amazônica.
Agora, percebo que estou lutando
pela humanidade.”*

Chico Mendes

SENADO FEDERAL
SECRETARIA DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES

Rafael André Vaz Chervenski
DIRETOR

Luiz Carlos da Costa
COORDENADOR-GERAL

Ricardo Abril Marinho
ASSESSOR TÉCNICO

Rodrigo César de Melo Barbosa
GESTOR DE ATENDIMENTO

Tatiana Nassif Derze
COORDENADORA DE PRÉ-IMPRESSÃO

André Said de Lavor
COORDENADOR DE IMPRESSÃO

André Luiz Rodrigues Santana
COORDENADOR DE ACABAMENTO E EXPEDIÇÃO

Aloysio de Britto Vieira
COORDENADOR DE EDIÇÕES TÉCNICAS

Márcio de Holanda Meireles Viana
GESTOR DE PRODUÇÃO

A questão da Amazônia consiste na defesa dos Povos da Floresta. Consideramos a questão da Amazônia um problema sério, que não passa mais, hoje, pelo discurso, e sim pela prática que temos que desenvolver daqui pra frente. A Amazônia está ocupada. Em todos os recantos há indígenas, há gente trabalhando, tirando borracha e, ao mesmo tempo, lutando pela conservação da natureza. Queremos propiciar uma política que garanta o futuro desses trabalhadores [e dessas trabalhadoras], que há séculos vivem na Amazônia e a tornam produtiva ao mesmo tempo. Enquanto existirem índios e seringueiros na selva amazônica, há esperança de salvá-la. Esperamos que as pessoas que lutam em defesa da Amazônia possam realizar um trabalho que, de fato, consiga trazer uma esperança. Acredito que cada um [e cada uma] de nós tem uma missão e um compromisso muito importante em relação à defesa desta região. Essa luta não é só dos trabalhadores [e das trabalhadoras]: ela é de toda a sociedade brasileira.

Chico Mendes

PARCERIA



EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Quando o Projeto Seringueiro fez a primeira reunião no Seringal Nazaré, em Xapuri, em julho de 1981, para discutir como iria funcionar a cooperativa que os seringueiros pretendiam organizar, surgiu um problema: quem iria organizar o registro do movimento, se ninguém sabia ler e escrever? Sugerimos uma escola. Pensaram logo nas crianças e ficaram animados. Sempre aspiraram por uma. Sugermos uma escola para os adultos. Não acreditaram que seria possível. Disseram que já eram muito velhos e a cabeça não era boa para o estudo. Mas o argumento maior era que ninguém se interessaria em dar aula no seringal. Além do que, eles não tinham tempo para estudar, por causa da seringa, do roçado, da espera do alimento na noite.

Chico Mendes é, no Brasil, o Patrono Nacional do Meio Ambiente. Portanto, nada mais justo do que destacar, na COP 30, a memória e o legado do maior ambientalista brasileiro de todos os tempos. Esta coletânea, “Chico Mendes na COP 30”, contribui com este objetivo. São livros simples, organizados a partir de depoimentos e textos escritos por companheiros e companheiras de Chico Mendes, ao longo do tempo. Que sua leitura possa envolver corações e mentes com a paz planetária um dia sonhada por Chico Mendes.



BAIXE GRATUITAMENTE
ESTE LIVRO EM SEU CELULAR

Encontre este livro gratuitamente em formato digital acessando: livraria.senado.leg.br

SENADO FEDERAL

